

Ministério dos Transportes

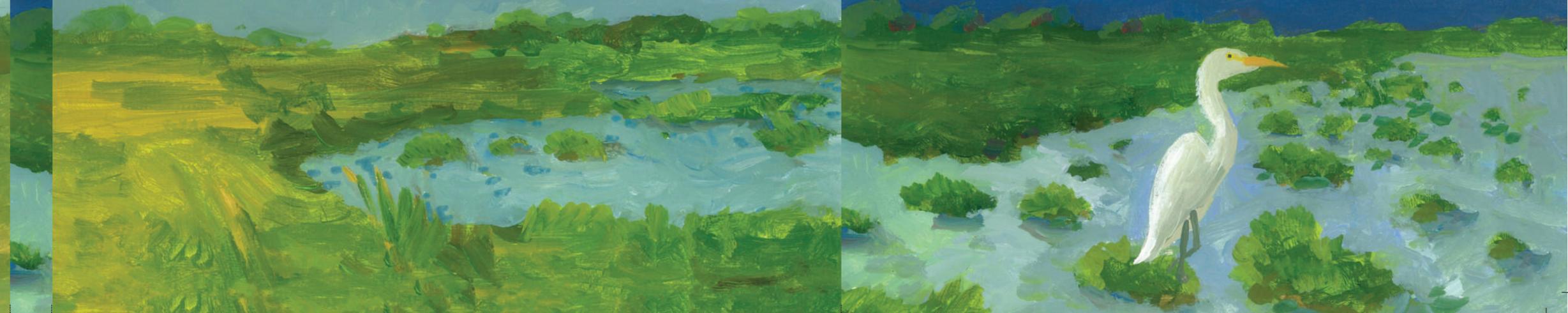


Nossos bichos



Nossos bichos

Guia dos animais da região de Pelotas e Rio Grande-RS



Nossos bichos

Guia dos animais da região
de Pelotas e Rio Grande-RS

Expediente

Produção

Departamento Nacional de
Infraestrutura de Transportes

Execução

STE – Serviços Técnicos de Engenharia S.A.

Coordenação

Aline Freitas Figueiredo Pimenta (DNIT)
Vladimir Casa (DNIT)
Adriano Panazzolo (STE)

Organização

Renata Aires de Freitas
Camila Garcez Marroni
Sônia Huckembeck

Pesquisa

Felipe Castro Bonow
Gustavo Machado Wallwitz
Fernanda de Oliveira Rosa
Sônia Huckembeck
Michele Buffon Camargo

Revisão técnica

Fernanda de Oliveira Rosa
Bárbara Bonnet
Nilton Cecon

Textos

Angélica Freitas

Projeto gráfico e ilustrações

Odyr

Diagramação e finalização

Nativu Design

Revisão de texto

Bitisa Mascarenhas



Ministério dos
Transportes





Nossos bichos

Guia dos animais da região
de Pelotas e Rio Grande-RS

USEB 2014



Agradecimentos

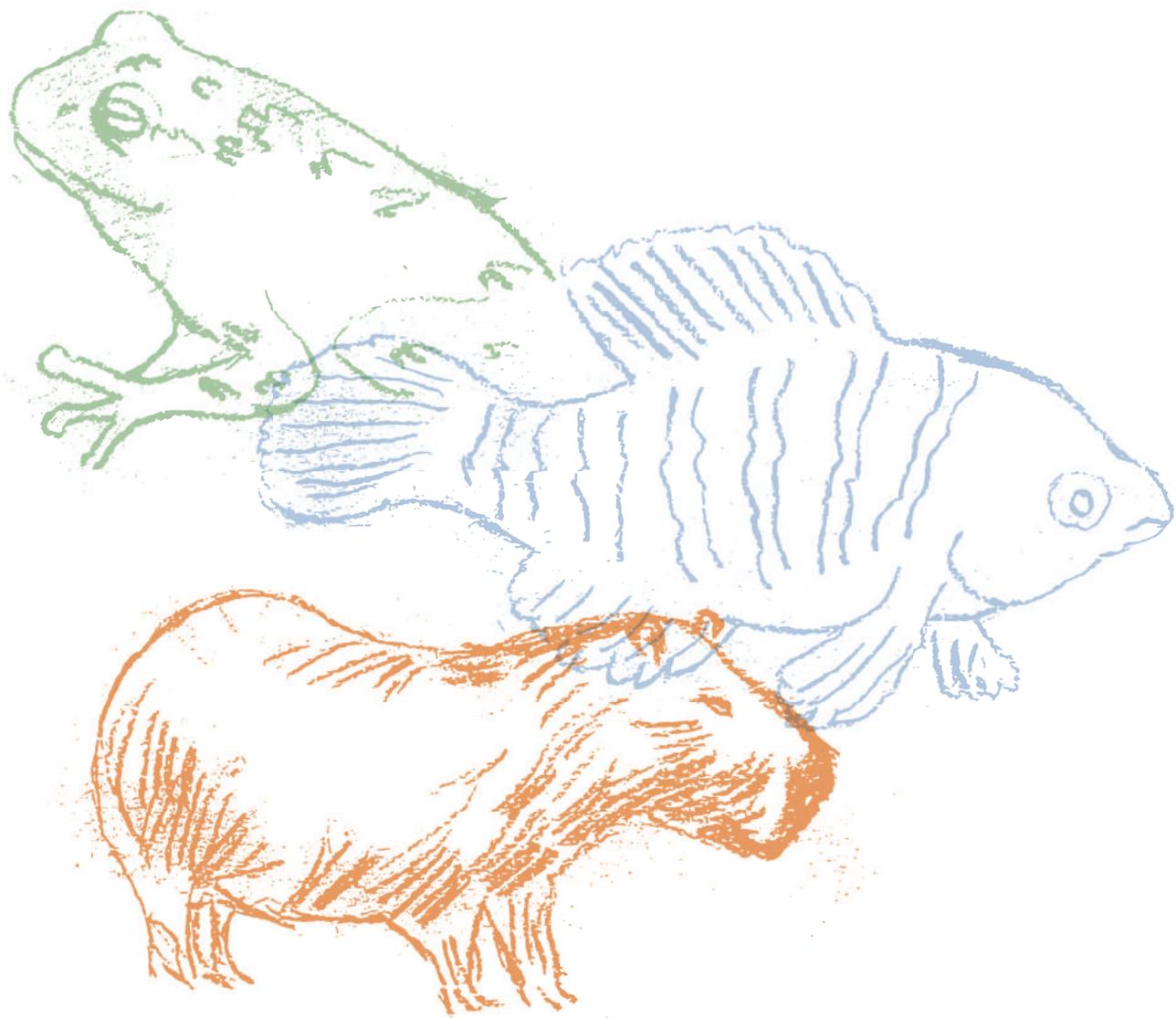
Este livro não poderia ter sido publicado sem a inestimável colaboração das pessoas e organizações mencionadas abaixo. A todos o nosso muito obrigado.

Equipe STE: Andrews Duarte, Cindy Coimbra, Guillermo Dávila Orozco, Rodrigo Souza Torres, Elizabeth Sampaio, Cauê Canabarro, Isaías Insaurriaga, Solano Ferreira, Ana Paula Kringel, Juliana Cunha, Juliana Martins, Sharon Paiva, Andrea Mello, Rafael Schuler, Adriano Neves, Débora Sartori, Léo Arsego e Ravella Machado.

Colaboradores: Marcelo Dias de Mattos Burns, Gustavo Fonseca, Matheus Vieira Volcan, Débora Argou Marques, Daniel Loebmann, Carlos Benhur Kasper, Rafael Antunes Dias, Sergio Néglia Bavaresco, Glayson Ariel Bencke, Guilherme Bittencourt / Projeto Capturando vida, João da Luz, Clarissa Alves da Rosa, Tatiane Noviski-Fornel, Fabio Dutra, Kleisson Sousa e Jailton Fernandes (USEB).

Proprietários e funcionários das áreas onde o monitoramento de fauna é realizado.





Sumário

Apresentação 9

Peixes Anuais 10

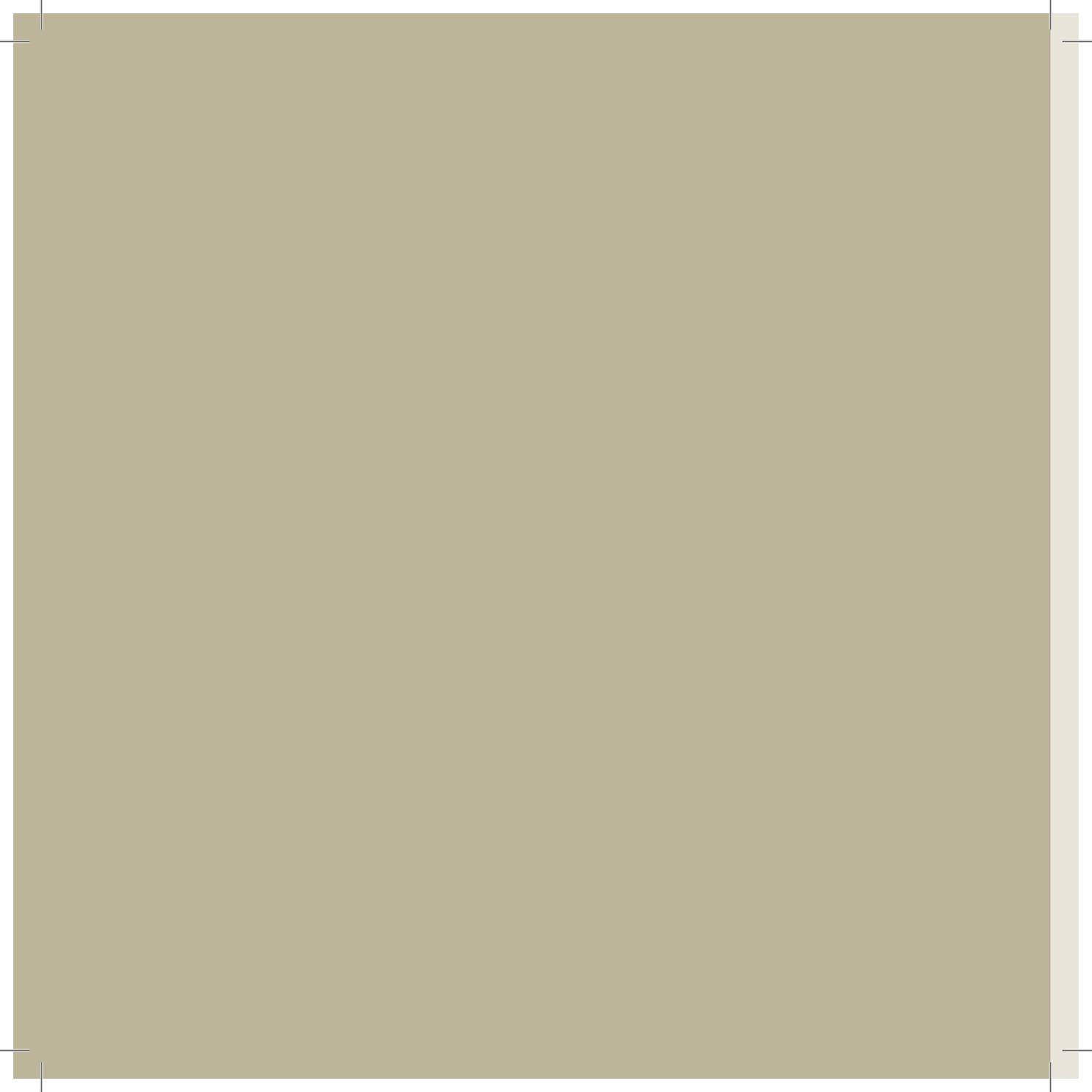
Anfíbios 16

Répteis 32

Aves 54

Mamíferos 78





Caro(a) leitor(a),

O livro que tens em mãos é resultado do Programa de Monitoramento de Fauna da BR-116/392, uma rodovia que atravessa a região sul do Rio Grande do Sul e que está sendo duplicada para melhorar o tráfego de veículos até o Porto de Rio Grande, um dos mais importantes do Brasil.

O objetivo do programa é monitorar a população de animais existentes na área e propor medidas para sua segurança durante a realização das obras.

A equipe decidiu apresentar neste livro algumas das grandes estrelas do projeto. São mamíferos, aves, répteis, anfíbios e peixes anuais, alguns ainda abundantes, outros já ameaçados de extinção.

Acreditamos que o conhecimento sobre a fauna da região seja importante para a valorização e a preservação desses animais.

Boa leitura!

— Aline Freitas
Coordenadora Geral de Meio Ambiente
DNIT



Peixes Anuais

Família Rivulidae



Peixes Anuais

Guia dos animais da região de Pelotas e Rio Grande-RS

Estes habitantes de banhados e poças d'água são conhecidos como peixes anuais, pois no espaço de um ano ou menos ocorre todo o seu ciclo de vida: eles nascem, crescem, se reproduzem e morrem.

Para entender como isso é possível, temos que pensar em como funciona um banhado.

Nos meses quentes, a água vai evaporando e toda a população de peixes morre. Porém, antes de o verão chegar, estes animais já vão ter depositado seus ovos no lodo do fundo do banhado.

Os ovos vão continuar lá, bem guardados, até a chegada dos meses frios, quando as chuvas

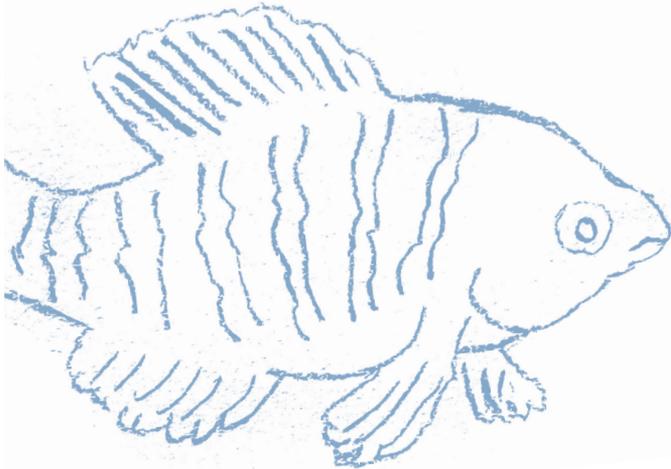
enchem novamente o local. Eles vão dar origem a um grande número de filhotes, formando uma nova população de peixes.

Os peixes anuais alimentam-se de pequenos crustáceos e de larvas de insetos.

Por serem bonitos, são muito apreciados pelos aquaristas.

Cynopoecilus melanotaenia

Conhecido popularmente como combatente-gaúcho, este peixe anual chega a 5 centímetros de comprimento. Também é encontrado no Uruguai. Vive em charcos temporários, em banhados como o do Pontal da Barra (Pelotas), e na Estação Ecológica do Taim.



As principais ameaças à sua sobrevivência são as atividades que modificam o seu habitat, como a agricultura e drenagem e canalização das áreas alagadas.

Todas as espécies apresentadas neste livro pertencem à família dos Rivulídeos e são consideradas em risco de extinção.



Austrolebias nigrofasciatus

Chamam a atenção as listras negras verticais do macho desta espécie, que existe apenas no Rio Grande do Sul. Quando adulto, atinge 4,3 centímetros de comprimento. A maior população está no Pontal da Barra, em Pelotas, local ameaçado pela construção civil. Também é achado na região entre os municípios de Pelotas e Capão do Leão, e em Jaguarão.



Austrolebias wolterstorffi

É o maior dos peixes anuais de nossa região: chega aos 10 centímetros de comprimento. Mas é menos abundante que as demais espécies. Os machos são mais coloridos e maiores que as fêmeas.





Austrolebias cf. jaegari

Espécie típica do município de Pelotas. É encontrada com frequência em banhados às margens da bacia do arroio Santa Bárbara. Atinge 3 centímetros de comprimento. O nome *jaegari* é uma homenagem ao fotógrafo Norberto Henrique Jaegar, que foi conhecido por sua dedicação à conservação da natureza.



Austrolebias minuano

Chega a ter 4,6 centímetros de comprimento quando adulto. Pode ser encontrado nas planícies costeiras do sul da Lagoa dos Patos, entre a Vila de Quinta e Rio Grande. O nome minuano vem de uma tribo indígena que vivia no Rio Grande do Sul.



Anfíbios





Os Anfíbios possuem esse nome por serem animais capazes de viver em dois ambientes diferentes, um aquático e outro terrestre. Na fase exclusivamente aquática, quando ainda são larvas (os girinos), podem alimentar-se de algas, como também podem ser detritívoros, filtradores, carnívoros ou onívoros. Já os juvenis e adultos são predadores. A pele dos anfíbios é permeável e através dela ocorrem as trocas gasosas com o ambiente. Por isso, eles são considerados bioindicadores, ou seja, indicadores sensíveis aos fatores ambientais. No mundo existem 7302 anfíbios, sendo o Brasil o país com maior riqueza de espécies (1046 espécies). Dividimos o grupo em três ordens, para facilitar a classificação: Anura (sapos, rãs e pererecas, com 988 espécies), Caudata (salamandras e tritões, com cinco espécies;

ocorrem na Amazônia brasileira) e Gymnophiona (não possuem patas. São as cobras-cegas ou cecílias, com 33 espécies). As cecílias são vivíparas: geram filhotes com aparência de adultos. Os anfíbios mais conhecidos de todos nós são os anuros. Destes, os sapos são mais terrícolas, têm pele bastante rugosa, focinho achatado e pernas curtas, o que lhes confere um hábito mais "caminhador" do que "saltador". As rãs apresentam a pele pouco rugosa ou lisa, focinho mais pontudo, patas traseiras longas e se locomovem por saltos. Já as pererecas têm hábito "escalador", pois apresentam discos adesivos na ponta dos dígitos. Têm patas traseiras compridas e delgadas, focinho achatado e pele lisa e sem glândulas.

— Fernanda de Oliveira Rosa



Sapinho- de-barriga- vermelha

Nome científico

Melanophryniscus dorsalis

Alimentação

formigas, cupins

Reprodução

setembro a abril

Ocorrência/Distribuição

região costeira do sul do Brasil, sendo a Ilha dos Marinheiros o limite sul dessa distribuição

Habitat

banhados, campos alagadiços e formações dunares

Tamanho

macho 2,0-2,5 cm; fêmea 2,4-2,7 cm

Na natureza, as cores servem de alerta: quanto mais colorido, mais perigoso. “Não mexa comigo, sou venenoso”, este sapinho parece dizer. “Ou pelo menos posso fingir que sou venenoso!” A cor vermelha da barriga, das patas e de uma faixa sobre o dorso deste pequeno anfíbio sinaliza perigo para os demais bichos. Por isso mesmo, a primeira coisa que ele faz quando se sente ameaçado é dar um jeito de mostrar a barriga e as patas. Também se faz de morto (uma estratégia conhecida como tanatose) para que os predadores desistam de comê-lo. Porém, quem mais complica a vida do sapinho-de-barriga-vermelha é mesmo o ser humano. A espécie está ameaçada de extinção, em grande parte porque as construções na região costeira e as grandes plantações já modificaram muito o seu habitat. Na nossa região, o sapinho-de-barriga-vermelha já foi encontrado na Ilha dos Marinheiros.



Sapinho-de-jardim

Nome científico

Rhinella dorbignyi

Alimentação

crustáceos, aracnídeos, insetos

Reprodução

agosto a março

Ocorrência/Distribuição

Rio Grande do Sul, leste e sul do Uruguai; La Pampa e Buenos Aires (Argentina)

Habitat

pradarias e banhados

Tamanho

1-7 cm

Alguém já viu um desses sapos no jardim? Ou sob a luz de um poste, à noite, à espera de alguma mosquinha distraída? Além de pequenos insetos, este animal que vive nos campos e à beira de banhados come aranhas e moluscos. Apesar de ser terrestre, gosta de entrar n'água, desde que o lugar seja raso e que não haja predadores para abocanhá-lo. Se houver umas plantas aquáticas por lá, melhor, pois assim as fêmeas podem pôr seus cordões gelatinosos cheios de ovinhos. Quando se vê ameaçado, sua reação é tentar fugir, claro. Um de seus possíveis predadores é a cobra-verde. Mas, por exemplo, se um cachorro tentar mordê-lo, pode furar as glândulas que se localizam atrás dos seus olhos. E essas glândulas contêm veneno. Mas só o suficiente para deixar o cão atordoado enquanto o sapo foge. Croc, croc!

Sapinho-da-terra

Nome científico

Odontophrynus americanus

Alimentação

crustáceos, aracnídeos, insetos, moluscos, anelídeos

Reprodução

setembro a fevereiro

Ocorrência/Distribuição

sul e sudeste do Brasil, Uruguai, norte da Argentina e sul do Paraguai e Bolívia

Habitat

áreas abertas

Tamanho

macho 4,1- 4,8 cm; fêmea 4,5-5,3 cm



Tem a pele rugosa, tem nome de sapo, mas é uma rã. Bem forte, possui patas curtas e robustas que servem para cavar as tocas onde se esconde. Ficar escondida é muito bom, mas em algum momento ela vai precisar sair para procurar comida. O que acontece se encontrar um predador? Uma estratégia de defesa é encher de ar os pulmões e ficar que nem um balão. Inflada assim, vai parecer impossível de abocanhar. Mas existe um predador que consegue localizá-la em qualquer lugar e mordê-la mesmo quando está cheia de ar. É a serpente boipeva, que possui um dente especial para furar rãs. A dieta da rã sapinho-da-terra é bem variada: insetos, aranhas, tatuzinhos da terra... Ela pode ser encontrada em vários ambientes, como charcos temporários, banhados, no campo e até mesmo na cidade.

Pererequinha-do-brejo

Nome científico

Dendrosophus sanborni

Alimentação

insetos, aracnídeos

Reprodução

setembro a fevereiro

Ocorrência/Distribuição

sul e sudeste do Brasil,
Uruguai e leste da Argentina

Habitat

áreas abertas

Tamanho

macho 1,5-1,9 cm; fêmea
1,7-2,1 cm

Com essa cor dourada e as pintinhas sobre o dorso, não é uma beleza a pererequinha-do-brejo? E parece quase transparente. O nome dá duas pistas sobre o animal. A primeira tem a ver com o tamanho: trata-se da menor perereca da região. A segunda nos informa sobre o seu habitat: os brejos, açudes, poças d'água, as plantações de arroz. Ela também gosta de ficar entre as folhagens dos gravatás, onde se protege dos predadores. Os machos cantam para atrair as fêmeas, à noite, enquanto ficam apoiados sobre a vegetação baixa. Seu canto é curto, estridente e trinado. Na disputa por território, podem entrar em confronto. Esta espécie alimenta-se de insetos pequenos, como formigas.





Perereca-do-banhado

Nome científico

Hypsiboas pulchellus

Alimentação

insetos, aracnídeos,
crustáceos

Reprodução

o ano todo, exceto no
inverno

Ocorrência/Distribuição

sul do Brasil, Uruguai e região
oriental da Argentina

Habitat

campos e açudes

Tamanho

macho 3,3-4,1 cm; fêmea 3,8-
4,7 cm

Se houvesse um concurso de Miss Simpatia entre as pererecas, esta seria uma forte candidata a vencedora. Parece estar sempre sorrindo. E o seu canto é dos mais agradáveis: lembra o som de pequenos sinos. São sempre os machos a cantar. E eles capricham na cantoria: tudo para chamar a atenção das fêmeas. A perereca-do-banhado pode ser encontrada em charcos e campos, mas também é comum deparar com alguma dentro de casa. Ela vem até as residências procurando moscas, mosquitos, aranhas, cascudinhos... Consegue subir em árvores e paredes, e não cai, pois possui uns discos adesivos na ponta dos dedos. Ela também gosta de ficar em cima da vegetação dos banhados e nos gravatás, a salvo dos predadores (aves como o anu-branco e algumas serpentes, por exemplo). Seu dorso é bem verde ou castanho, com manchas escuras.



Rã-boiadora

Nome científico

Pseudis minuta

Alimentação

insetos, aracnídeos,
crustáceos, outros anfíbios,
moluscos

Reprodução

meses quentes

Ocorrência/Distribuição

região pampiana do Rio
Grande do Sul e Uruguai

Habitat

corpos d'água permanentes

Tamanho

2,0-5,0 cm

Ela gosta mesmo é de boiar. Esta mocinha da foto está num de seus lugares favoritos no mundo: em cima das plantas do banhado. Para se alimentar, a paciência é importante. Esta aqui é do tipo que senta e espera a janta passar. Com sorte, logo vai aparecer um insetinho aquático ou um girino. E, bem, se outra rã cruzar o seu caminho, ela que se cuide, pois poderá virar jantar. Os dedos das patas posteriores, unidos por uma membrana (uma pele muito fina), são prova de que estar na água é uma parte importante da vida desta rã. É como se ela calçasse pés-de-pato. Por tudo isso, também é conhecida como rã-d'água. Seu canto é forte. A cobra-verde é o seu principal predador na região.



Perereca-de-banheiro

Nome científico

Scinax fuscovarius

Alimentação

insetos, aracnídeos

Reprodução

primavera e verão

Ocorrência/Distribuição

sul e sudeste do Brasil e regiões leste da Argentina, Paraguai e Bolívia

Habitat

áreas abertas

Tamanho

macho 3,7-4,7 cm; fêmea 4,2-4,8 cm

Talvez tenha entrado pelo ralo, talvez tenha chegado à procura de bichinhos para comer. O fato é que esta perereca é frequentemente encontrada em banheiros. Daí o nome popular. Mas, claro, seu habitat natural é fora das casas. Ela vive em lagoas, banhados e açudes. É mais ativa durante o crepúsculo e à noite. Durante o dia, costuma ficar escondida debaixo de plantas e folhas. Como é uma perereca, possui discos adesivos nos dedos e consegue subir em arbustos. Quando se sente ameaçada, se faz de morta. Esse efeito, já sabemos, é conhecido como tanatose. E isso funciona, pois muitos predadores não comem bichos que encontram já mortos. Na nossa região, um dos seus predadores mais conhecidos é a serpente boipeva.





Rã-chorona

Nome científico

Physalaemus gracilis

Alimentação

aracnídeos, insetos,
crustáceos

Reprodução

primavera e verão

Ocorrência/Distribuição

Uruguai, sul do Brasil e
Misiones (Argentina)

Habitat

áreas abertas, campos

Tamanho

macho 2,6-3,1 cm;
fêmea 2,9-3,3 cm

Se você ouviu o seu canto alguma vez, é provável que não o tenha esquecido. Parece o choro de uma criança. Ou o miado de um gato. Ou o motor de um carro de Fórmula 1. Lembrou agora? Talvez já a tenha escutado perto de valetas e banhados. Essa rã se adapta muito bem a áreas urbanizadas, inclusive àquelas consideradas muito poluídas. Também habita charcos temporários e banhados, lugares onde possa ter um pouco d'água. Costuma se esconder sob restos de materiais de construção e escombros. Para impressionar os predadores, exhibe uma manchinha na base da coxa, que mais parece um grande olho. Daí seus oponentes pensam que ela é um bicho muito maior e desistem de caçá-la... A rã-chorona come colêmbolos (animais muito, mas muito pequenos, parecidos com insetos), formigas e ácaros aquáticos. Entre os seus predadores está a cobra-verde.



Rã-manteiga

Nome científico

Leptodactylus latrans

Alimentação

insetos, anelídeos, crustáceos, aranhas, outros anfíbios, moluscos

Reprodução

entre dezembro e março

Ocorrência/Distribuição

América do Sul a leste dos Andes, sul do Brasil, Uruguai, Paraguai e Argentina

Habitat

áreas abertas, açudes, pequenas lagoas, ou áreas inundadas

Tamanho

macho 9,0-14,0 cm; fêmea 8,0-12,0 cm



Esta rãzinha, ou melhor, rãzona, é um bicho muito especial. Em primeiro lugar, porque é a maior rã da nossa região. Se tiver uma régua por perto, confira: os machos chegam a 14 centímetros de comprimento, e as fêmeas, a 12 centímetros. Grande, não? Outro dado interessante é o seu cuidado materno. A mãe protege os girinos durante várias semanas. Valente, ela salta na direção de quem ousar chegar perto dos seus bebês (geralmente, aves e serpentes tentam fazer isso). O lagarto teiú é um dos principais predadores das rãs adultas. A rã-manteiga ganhou esse nome porque sua pele é muito escorregadia. É difícil de agarrá-la. Para identificá-la, outra pista: tem uma grande mancha na parte de cima da cabeça, entre os olhos. A este tipo de mancha se dá o nome de ocelo.



Sapinho-oval

Nome científico

Elachistocleis bicolor

Alimentação

insetos, aranhas, gastrópodes

Reprodução

outubro a fevereiro

Ocorrência/Distribuição

sul do Brasil, Argentina,
Bolívia, Paraguai e Uruguai

Habitat

campos abertos

Tamanho

macho 2,0-3,5 cm; fêmea
2,5-5,0 cm

Outra rã com nome de sapo. Esta é bem diferente das que vimos até agora, não parece? Não chamam a atenção o formato oval do corpo e as duas cores bem distintas? E o focinho pontudo? Repare como a cabeça é triangular e pequena em relação ao corpo. Na parte de trás da cabeça existe uma prega de pele quase imperceptível, que serve para cobrir seus olhos quando vai buscar alimento nos cupinzeiros e formigueiros. Agora já sabemos quais são suas comidas favoritas, certo? A rã sapinho-oval gosta de cavar tocas no solo para se proteger dentro delas. Esta rã também infla o corpo quando depara com os predadores (o jacaré-do-papo-amarelo, por exemplo). Outra curiosidade sobre este bicho: seu canto parece o som de um pequeno apito.



Cecília

Nome científico

Chthonerpeton indistinctum

Alimentação

artrópodes, outros anfíbios, crustáceos

Reprodução

primavera e começo do verão

Ocorrência/Distribuição

bacia do rio Paraná na Argentina, e na zona costeira do Uruguai e sul do Brasil

Habitat

zonas alagadas e áreas úmidas

Tamanho

10,0-45,0 cm

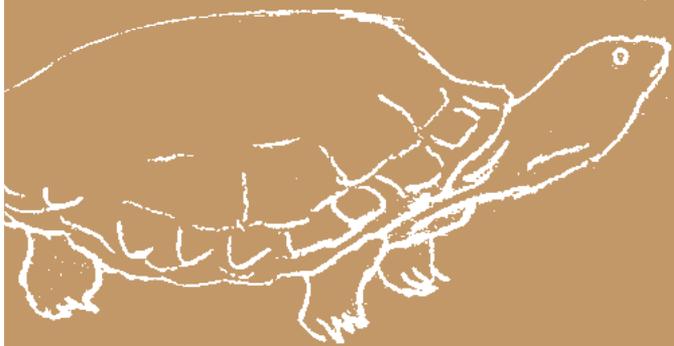


Parece uma serpente, mas não é. O bicho dessa foto é uma cecília. Ainda bem que o nome popular é fácil, porque o científico é complexo: *Chthonerpeton indistinctum*. Como dá para perceber na imagem, a cecília tem a pele lisa e molhada. Isso é porque ela vive enterrada no lodo de áreas úmidas, como os charcos. Por viver tanto tempo sob a terra, seus olhos não funcionam muito bem. Ela se orienta por meio de uma estrutura sensorial que existe em sua cabeça. A cecília tem dentes em forma de uma pequena serra e os utiliza para comer insetos, larvas e pequenos anfíbios. Seus predadores naturais são as serpentes aquáticas. Ao contrário da maioria dos anfíbios, que são ovíparos (põem ovos), as cecílias são vivíparas, ou seja, os filhotes se desenvolvem no ventre da mãe.



Répteis





Atualmente existem 10.038 espécies de répteis no mundo, representados por quatro ordens: Crocodylia (jacarés e crocodilos), Sphenodontia (tuataras), Squamata (serpentes, lagartos e anfisbenas) e Testudines (quelônios: tartarugas, cágados e jabotis). No Brasil são 744 espécies, pertencentes aos seguintes grupos: crocódilianos (6 espécies), quelônios (36), anfisbenas (68), lagartos (248) e serpentes (386). Os répteis são animais ectotérmicos (sua temperatura corporal varia de acordo com a temperatura do ambiente onde vivem). Isso quer dizer que se aquecem quando está calor, e quando está frio a temperatura do corpo diminui, podendo entrar no estado chamado de sono hibernar. A pele dos répteis é seca, sem

glândulas mucosas, revestida por escamas de origem epidérmica que se renovam periodicamente (é quando ocorre a muda; exemplos: serpentes e lagartos) ou por placas ósseas de origem dérmica (exemplo: tartarugas). Certos répteis estão entre os animais mais temidos e odiados pelas pessoas – em geral, as serpentes, devido à periculosidade de determinadas espécies; mas os venenos de algumas delas podem apresentar grande potencial medicinal a ser explorado, como é o caso do anti-hipertensivo Captopril, isolado do veneno da jararaca (*Bothrops jararaca*).

— Gustavo Machado Wallwitz



Cágado-de-barbilhão

Nome científico

Phrynops hilarii

Alimentação

insetos, moluscos, anfíbios, aves, peixes e pequenos mamíferos

Reprodução

ocorre entre agosto e fevereiro

Ocorrência/Distribuição

nordeste da Argentina, sul do Paraguai, Uruguai e sul do Brasil

Habitat

rios, arroios, lagoas e banhados

Tamanho

40 cm (comprimento de carapaça)

É um quelônio: um réptil que possui carapaça. Vive na água doce. Ele tem a cabeça grande, o pescoço curto e a carapaça achatada. Possui duas barbichas curtas na parte inferior da cabeça, daí seu nome popular: cágado-de-barbilhão ou cágado-de-barbelas. Engana-se quem pensa que as barbichas são apenas um enfeite. Elas servem para atrair comida. O cágado-de-barbilhão movimentava-se suavemente dentro d'água, para lá e para cá, para lá e para cá... E logo vêm os peixinhos, pensando que elas são minhocas deliciosas. Nhac! Encontramos este quelônio em águas correntes, como rios e arroios, de preferência com plantas aquáticas, onde ele possa se esconder de predadores. Seus ovos são procurados por animais como o mão-pelada, especialmente no outono e no inverno, quando a comida fica escassa e há menos frutos e sementes na região. Estes cágados são diurnos e podem ser vistos tomando banhos de sol em troncos sobre a água. Longevos, vivem até 40 anos.

Tigre-d'água

Nome científico

Trachemys dorbigni

Alimentação

caracóis de água doce, artrópodes, pequenos peixes, aves

Reprodução

posturas em outubro e eclosões (nascimentos) no início de janeiro

Ocorrência/Distribuição

sul do Brasil, Argentina e Uruguai

Habitat

rios, lagos, lagoas, açudes, banhados

Tamanho

27 cm (comprimento de carapaça)

Encontrada com frequência tomando sol nas canaletas dos centros urbanos, esta tartaruga é o réptil mais abundante na nossa região. Na natureza, habita rios, açudes, lagos e banhados. Não é raro ser pescada por engano e pode acabar morrendo por causa dos ferimentos com o anzol. É difícil retirá-lo de sua boca, pois a tartaruga costuma retraindo a cabeça para dentro da carapaça quando se sente em perigo. Se capturada, fica bastante agressiva e pode morder. Quando adulta, seu maior predador é o jacaré-do-papo amarelo. Já os maiores predadores de seus ovos e filhotes são lagartos, aves e mamíferos como o mão-pelada e o gambá. Dizem que a tigre-d'água tem esse nome por causa das faixas em sua cabeça, pescoço e patas, que lembrariam as listras de um tigre. Pode viver até 30 anos.





Lagartixa-das-casas

Nome científico

Hemidactylus mabouia

Alimentação

artrópodes; grilos, aranhas, mariposas, formigas, moscas, baratas e mosquitos

Reprodução

o ano todo

Ocorrência/Distribuição

espécie exótica no Brasil, oriunda da África

Habitat

associada a moradias humanas

Tamanho

13 cm

Este bicho veio de longe: chegou ao nosso país de carona em navios que traziam os escravos da África. Adaptou-se rapidamente na nossa região e se dá muito bem no meio urbano. Prova disso é que podemos vê-la passeando pelas paredes e janelas das casas, à noite, espreitando suas presas, que podem ser aranhas, escorpiões, baratas, grilos, gafanhotos... A lagartixa ajuda no controle dessas pragas, portanto não deve ser eliminada. Aves, aranhas grandes e os seres humanos que a exterminam equivocadamente são os seus maiores predadores. A lagartixa-das-casas tem dois superpoderes para confundir os predadores: um é o mimetismo, o poder de mudar de cor de acordo com o ambiente. O outro é a habilidade de perder a cauda quando se encontra em perigo. Já solta do corpo, a cauda continua se remexendo no chão. Enquanto os predadores se entretêm com isso, a lagartixa foge. Mais tarde o rabo crescerá novamente, claro.

Cobra-de-vidro

Nome científico

Ophiodes aff. striatus

Alimentação

insetos

Reprodução

de outubro a janeiro

Ocorrência/Distribuição

sul do Brasil, sudeste do Paraguai,
nordeste da Argentina e Uruguai

Habitat

campos abertos

Tamanho

podem atingir 40 cm



Antes de mais nada, precisamos esclarecer que a cobra-de-vidro não é uma serpente. É um lagarto ápode, quer dizer, um lagarto sem pés. Há muito tempo esse bicho provavelmente teve quatro patas, mas agora só apresenta dois minúsculos filamentos pontudos perto da cloaca, que são vestígios de suas patas traseiras. É a evolução. Na hora de escapar dos predadores, conta com um importante efeito especial: solta a cauda, que fica se debatendo no chão. Enquanto os inimigos são atraídos pelo rabinho em movimento, ela foge. Mais tarde, a cauda voltará a crescer. A cobra-de-vidro tem língua bifida, que utiliza para sentir cheiros e se orientar no mundo. O nome popular vem de seu aspecto brilhante. Parece ser de vidro, principalmente se observada sob a luz do sol.

Teiú

Nome científico

Salvator merianae

Alimentação

anfíbios, caracóis, peixes, répteis, aves adultas, ninhegos, roedores e frutas

Reprodução

postura em novembro e nascimentos em janeiro

Ocorrência/Distribuição

Brasil, Uruguai, Paraguai e Argentina

Habitat

campos junto a cursos d'água, áreas rochosas e matas

Tamanho

125 cm

Dá chicotadas vigorosas com a cauda quando se sente em perigo e sua mordida consegue esmagalhar dedos humanos. Estamos falando do teiú, o maior lagarto da América do Sul, que chega a um metro e meio de comprimento. Apesar de ser bastante agressivo na natureza, pode ficar dócil quando criado em cativeiro e é adotado como bicho de estimação. Este animal habita paisagens diversas: campos, matas e áreas rochosas. Como se adapta à convivência com os seres humanos, também frequenta as imediações das casas. Gosta de tomar sol nas estradas e por isso muitas vezes acaba sendo atropelado. À noite, o teiú ocupa tocas cavadas por ele mesmo ou por outros animais. Come de tudo: frutos, caracóis, peixes e até mel silvestre.





Cobra-cega

Nome científico

Amphisbaena trachura

Alimentação

insetos

Reprodução

posturas em novembro e dezembro e eclosões em janeiro e fevereiro

Ocorrência/Distribuição

de São Paulo ao Rio Grande do Sul, norte da Argentina, Paraguai e Uruguai

Habitat

jardins e áreas arenosas

Tamanho

28 cm

Apesar do nome e da aparência, este bicho não é uma serpente. É uma anfisbena. Essa palavra vem do grego e quer dizer “dos dois lados”. Suas extremidades não parecem iguais? Por isso, a anfisbena também é conhecida como “cobra de duas cabeças”. Mas cabeça, mesmo, ela só tem uma. A segunda cabeça é na verdade a cauda; apenas parece uma cabeça, por ser arredondada e curta. O nome cobra-cega nos dá uma ideia de sua visão escassa, resultado de milhões de anos debaixo da terra, na escuridão. Quando não está cavando túneis pelo subsolo, pode ser encontrada sob folhas, troncos e entulhos. Para compensar a visão ruim, orienta-se pelo olfato: sua língua bífida (partida em duas) capta partículas de odor, pelas quais se guia. A cobra-cega alimenta-se de insetos. Por sua vez, é um dos lanches favoritos dos zorrillos, gambás, furões e aves de rapina. Quanto à reprodução, ela é ovípara e põe apenas dois ou três ovos por vez.

Muçurana

Nome científico

Boiruna maculata

Alimentação

outras serpentes, peixes, anfíbios, lagartos, aves e roedores

Reprodução

põe ovos (desova ou postura) em novembro

Ocorrência/Distribuição

centro-oeste, sudeste e sul do Brasil, além de Paraguai, Bolívia, Uruguai e Argentina

Habitat

pradarias, áreas pedregosas, no entorno de corpos d'água

Tamanho

pode chegar a 2,3 m



Seu nome científico, *Boiruna maculata*, nos informa sobre suas preferências alimentares: vem do tupi-guarani e significa serpente preta que come outras serpentes. Chamamos de ofiófagas as serpentes que têm esse hábito alimentar. Mas se um sapinho atravessar o caminho da muçurana, ela não o recusará. Forte e musculosa, ela aperta bem a presa e nela injeta peçonha. O veneno a imobiliza e a torna mais fácil de digerir. Antigamente, acreditava-se que a muçurana bebia leite, tanto de vaca quanto humano. Dizia-se que ela colocava a ponta do rabo na boca dos bebês para que eles não chorassem, enquanto mamava no seio da mãe, tranquilamente. Ou então que se enrolava numa pata da vaca e bebia o leite direto nas tetas. Por isso, era conhecida como cobra-mamadeira. Mas isso não passa de uma lenda, pois a boca e a língua das serpentes não são próprias para mamar.

Cobra-verde

Nome científico

*Erythrolamprus poecilogyrus
sublineatus*

Alimentação

peixes, anfíbios e pequenos
roedores

Reprodução

postura entre outubro e
dezembro; nascimentos em
janeiro e fevereiro. Em algumas
localidades do Brasil: ciclo
reprodutivo contínuo

Ocorrência/Distribuição

desde Porto Alegre no Brasil
até o Centro da Argentina, e
Uruguai

Habitat

cursos d'água, banhados, açudes,
arroyos, rios

Tamanho

90 cm

Serpente dócil, que dificilmente morde. Conhecida também como cobra-capim, por sua coloração similar à da vegetação, ou cobra-do-lixo, pois é encontrada com frequência em entulhos perto das casas e debaixo de pedras e troncos. A cobra-verde costuma viver perto de rios, banhados, açudes e arroyos. Come sapinhos, peixes, lagartos pequenos, roedores e até insetos. Apesar de ser chamada de cobra-verde, pode apresentar outras cores: cinza, marrom, preto e amarelo, e também tons pardos. Sua atividade é noturna e diurna e ela se desenvolve durante o ano todo, inclusive nos meses frios do inverno. Seus predadores costumam ser outras serpentes, aves de rapina e mamíferos como o furão e o gambá. Ela também expele um líquido fedorento pela cloaca para se defender deles.



Cobra-d'água

Nome científico

Helicops infrataeniatus

Alimentação

anfíbios, peixes, pequenos crustáceos

Reprodução

entre primavera e verão;
nascimento entre o final da primavera até começo do outono

Ocorrência/Distribuição

Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; Argentina, Uruguai e Paraguai

Habitat

lagos, riachos e outros cursos d'água

Tamanho

alcançam até 1 m



É uma habitante de arroios, lagos e açudes, sendo também encontrada em centros urbanos, dentro de valetas e canaletas. Esta serpente aquática é mal-humorada e morde para valer quando alguém tenta agarrá-la. Mas não tem peçonha. Uma de suas estratégias para afugentar os predadores é soltar um líquido bem fedorento pela cloaca, o buraco por onde saem as fezes e a urina. Suas comidas favoritas são peixes e anfíbios. Adultos e girinos são igualmente apreciados. Às vezes alguém pesca uma cobra-d'água sem querer. Nesse caso, o melhor é devolver o bicho à água, com cuidado. As cobras-d'água chegam a ter um metro de comprimento quando adultas. Não põem ovos, e podem ter até 29 filhotes por vez. Sua atividade é diurna e noturna.



Falsa-coral

Nome científico

Oxyrhopus rhombifer rhombifer

Alimentação

anfíbios, lagartos e pequenas aves e mamíferos

Reprodução

nascimento de fevereiro a março

Ocorrência/Distribuição

Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e sul do Brasil. Argentina, Paraguai e Uruguai

Habitat

áreas abertas e florestas

Tamanho

90 cm

Se pudesse falar, talvez a *Oxyrhopus rhombifer rhombifer* nos dissesse: "Sei, sou parecida com aquela outra serpente, mas vocês têm mesmo que me chamar de falsa-coral? Vejam meu ventre claro, meus olhos pequenos... Quanta diferença!" Dócil, a falsa-coral costuma fugir quando é descoberta. É encontrada tirando sonecas debaixo de pedras ou troncos caídos, e já foi flagrada até debaixo de fezes de vaca. Come anfíbios, lagartos, aves e mamíferos pequenos, matando-os por constrição e injetando peçonha. Expele um líquido fedorento pela cloaca para afastar predadores como a coruja-buraqueira e o mão-pelada. A falsa-coral tem porte médio, chegando aos 90 centímetros de comprimento.

Boipeva

Nome científico

Xenodon merremii

Alimentação

anfíbios

Reprodução

ano todo. No Rio Grande do Sul observaram-se fêmeas ovadas de outubro a abril

Ocorrência/Distribuição

das Guianas do sul do Brasil, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai

Habitat

campos, formações florestais e corpos d'água

Tamanho

1,45 m



Seu nome popular vem do tupi-guarani e significa "serpente achatada". Isso é porque a boipeva achata o corpo contra o chão quando encontra um predador. Assim, ela vai parecer maior e mais assustadora. Também se faz de malvada: escancara bem a boca e dá botes violentos no agressor. Mas não é peçonhenta (venenosa) como a cruzeira, serpente com a qual é confundida por apresentarem no corpo desenhos parecidos, semelhantes a ferraduras. Seus alimentos preferidos são anfíbios como o sapinho-da-terra e a perereca-de-banheiro, que, para se defenderem, enchem os pulmões de ar, praticamente dobrando de tamanho. Mas isso não os salva da boipeva, pois ela tem dentes especiais no fundo da sua boca para furar sapinhos inflados.

Cobra-cipó

Nome científico

Philodryas olfersii

Alimentação

anfíbios, lagartos, aves e roedores

Reprodução

verão

Ocorrência/Distribuição

América do Sul a leste dos Andes, desde as Guianas até o Uruguai

Habitat

matas e seu entorno

Tamanho

atingem até 1,8 m

Esta é uma espécie arborícola, ou seja, que vive em árvores. Sabe se camuflar muito bem nos galhos. Os bichos mais distraídos podem pensar que ela é realmente um cipó. Mas essa serpente não fica a vida toda nas alturas. Ela desce para caçar pequenos vertebrados, lagartos e anfíbios. Mata suas presas por constrição, quer dizer, aperta-as até sufocá-las. Também pode engolir a presa viva, após injetar peçonha (veneno). A cobra-cipó costuma ser agressiva, dar botes e morder. Seu veneno pode ser perigoso para os seres humanos. Mas é difícil que ela consiga envenenar alguém, pois seus dentes ficam lá no fundo da boca. Predadores principais: aves de rapina, mamíferos e até mesmo outras serpentes. Como a boipeva, ela se achata contra o solo para parecer maior e intimidar os oponentes. Tem porte médio, chegando a 1,8 metro de comprimento.





Parelheira

Nome científico

Philodryas patagoniensis

Alimentação

anfíbios, peixes, lagartos, serpentes, roedores, aves, marsupiais e invertebrados; pode cometer canibalismo

Reprodução

desovas entre novembro e janeiro; nascimentos entre janeiro e março

Ocorrência/Distribuição

desde o nordeste até o sul do Brasil; Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai

Habitat

campos, arbustos

Tamanho

1,6 m

Recebeu esse nome porque seria tão veloz quanto um cavalo parelheiro, ou seja, um cavalo de corrida. Bem, pelo menos alguém sempre vai contar uma boa história de perseguição pelos campos envolvendo uma parelheira. Considerada agressiva, esta serpente pode correr para se defender, sim. Mas não persegue ninguém por muito tempo, nem por distâncias longas, pois a verdade é que se cansa rápido. Morde, mas só quando se sente ameaçada. E se finge de morta para que os predadores não a incluam no cardápio do dia. Entre os principais predadores estão as aves de rapina, como os gaviões, outras serpentes e alguns mamíferos. A parelheira é ofiófaga: come outras serpentes, inclusive da mesma espécie. Pequenos vertebrados fazem parte da sua alimentação. Pode ser avistada com frequência em campos abertos, durante o dia. É ovípara, e às vezes pode pôr seus ovos em formigueiros. Isso porque eles possuem as condições ideais para chocar os ovos, como temperatura, abrigo e segurança.

Cruzeira

Nome científico

Bothrops alternatus

Alimentação

pequenos mamíferos, anfíbios, lagartos, serpentes e aves

Reprodução

nascimentos de fevereiro a maio

Ocorrência/Distribuição

de Brasília e sul de Goiás ao Rio Grande do Sul; Uruguai, Paraguai e Norte da Argentina

Habitat

florestas, campos e áreas de banhado

Tamanho

podem atingir 1,70 m

Ganhou o nome de cruzeira por causa de um desenho em forma de cruz na parte de cima da sua cabeça. Mas nem sempre conseguimos ver esse sinal, o que torna a sua identificação uma tarefa difícil. Uma dica é verificar se a serpente apresenta, ao longo do corpo, desenhos em forma de ferradura com um contorno branco nítido. Mas cuidado: junto com a jararaca-pintada, a cruzeira é uma



das espécies mais peçonhentas da nossa região. As duas pertencem ao gênero *Bothrops*, responsável por mais de 80% dos acidentes com serpentes no Rio Grande do Sul. O veneno provoca muita dor, inchaço, hemorragia e até mesmo necrose, que é quando um pedaço do corpo morre. Às vezes, é preciso amputar a parte que recebeu a picada. Outras vezes, o acidente pode levar à morte. Consideram-na uma

serpente agressiva, mas raramente vai perseguir um oponente. Não há vantagem em atacar um alvo grande, pois é pequena a chance de que este vire uma refeição. Além disso, depois a cruzeira terá de produzir mais veneno para caçar suas presas favoritas, como preás e ratos. As cruzeiras gostam de lugares com capim alto e de ambientes úmidos, como os banhados.



Jararaca-pintada

Nome científico

Bothrops pubescens

Alimentação

anfíbios, lagartos, aves, pequenos mamíferos, serpentes e centopeias

Reprodução

nascimento ocorre em março e abril

Ocorrência/Distribuição

região central e sul do Rio Grande do sul e no Uruguai

Habitat

campos, matas, cursos d'água e juncais

Tamanho

90 cm

Quando ameaçada, a jararaca-pintada fica muito agressiva. Enrola rapidamente o corpo, deixando a cabeça levantada, com o pescoço em forma de "S". Ao mesmo tempo, bate a extremidade da cauda contra o solo. Está pronta para o bote. Intimida qualquer um, não? É uma serpente peçonhenta, e uma picada pode causar muita dor, hemorragia e necrose: se a vítima não receber tratamento adequado, pode perder o membro atingido e até morrer. A peçonha da jararaca-pintada serve para imobilizar suas presas. Sua dieta é variada e inclui sapos, rãs, lagartos, pequenos mamíferos e aves. Mas o veneno da jararaca tem um uso medicinal. É utilizado na fabricação de remédios para o coração e para o tratamento da pressão alta. Esta habitante dos campos, serras e matas tem hábitos crepusculares e noturnos. Chega a 90 centímetros de comprimento.





Jacaré-do-papo-amarelo

Nome científico

Caiman latirostris

Alimentação

caracóis de água doce, peixes, anuros, ofídios, aves e pequenos mamíferos

Reprodução

postura dos ovos ocorre entre dezembro e janeiro

Ocorrência/Distribuição

litoral do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul, oeste e sudoeste do Brasil, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai

Habitat

arroyos, banhados, lagoas, canais e estuários

Tamanho

até 3 metros

Pode chegar a 3 metros de comprimento. É o único jacaré da nossa região. Às vezes um deles aparece na Lagoa dos Patos, mas o fato é tão raro que vira notícia. Se os banhistas ficam apavorados, o jacaré fica mais assustado ainda. O bicho é arredio. A aparição pode acontecer na época das enchentes, quando o animal é deslocado de rios e banhados no meio dos camalotes (grandes formações de aguapés e outras plantas aquáticas). Em sua dieta constam caracóis, insetos, caranguejos, anfíbios, répteis, aves, pequenos mamíferos e até mesmo animais mortos. Infelizmente, o jacaré-de-papo-amarelo está na mira dos caçadores por causa de sua pele e carne.



Aves





As aves são animais vertebrados e tetrápodes, endotérmicos e ovíparos, cobertos de penas, de membros anteriores transformados em asas (ou “remos”) e membros posteriores usados para locomoção bipedal. Possuem ossos leves, muitos deles ocos (pneumáticos), porém extremamente duros. Aves que perderam a capacidade de voo, como os pinguins e as emas, possuem ossos compactos e pesados. São dotados de excelente visão e audição. Muitos casais não possuem dimorfismo sexual, sendo os machos e as fêmeas iguais ou muito semelhantes. São animais observados e admirados no mundo todo, encontrados nos mais variados ambientes: matas, campos, montanhas, praias e cidades. Suas

manifestações sonoras variam de simples chamadas até complexos e harmoniosos cantos. Suas penas, característica mais distintiva, variam em formas e cores. No Brasil, existem aproximadamente 1900 espécies de aves, sendo que no Rio Grande do Sul mais de 640 espécies já foram documentadas. A perda de seu habitat natural e a captura ilegal de indivíduos na natureza são as principais ameaças a esse grupo. Conhecer e entender os seus processos ecológicos é de grande importância para a sua conservação, assim como respeitar seu espaço e seu direito à vida.

— Felipe Castro Bonow

Cardeal-do-banhado

Nome científico

Amblyramphus holosericeus

Alimentação

besouros, aranhas, grilos, gafanhotos, lagartas e larvas, além de sementes, grãos e frutas

Reprodução

ninho fechado com entrada lateral, consistente, trançando linhas de palha e fixando-as nos juncos

Ocorrência/Distribuição

da Argentina a Bolívia, Paraguai, Uruguai, sul do Rio Grande do Sul e Mato Grosso

Habitat

banhados de juncos

Tamanho

23 cm

Muita gente se emociona ao avistar um *Amblyramphus holosericeus* pela primeira vez. É impossível não admirar o vermelho vivo de sua cabeça, o bico escuro, o corpo de um negro intenso, as coxas como se fossem bombachas alaranjadas. Seu nome científico vem do grego e significa “bico fino todo de seda”. O nome popular faz alusão aos cardeais, religiosos católicos que se vestem de vermelho. Esta ave raramente anda em bando. É mais comum vê-la sozinha ou com o par, e às vezes com filhotes. Pode ser encontrada em banhados de juncos, onde constrói o seu ninho. Para caçar insetos, adota a técnica de bicar a vegetação do solo feito um pica-pau. Depois, ainda com o bico, separa o capim em busca das aranhas, gafanhotos, larvas e grilos que possa ter atingido.





Marreca-pardinha

Nome científico

Anas flavirostris

Alimentação

grãos, sementes e matéria animal

Reprodução

o ninho pode ser uma simples depressão no solo, escondido na vegetação, relativamente longe da água

Ocorrência/Distribuição

da Terra do Fogo ao Rio Grande do Sul e, pelos Andes, até a Venezuela

Habitat

grandes lagos de águas abertas, estuários de rios e em açudes e lagoas interioranas

Tamanho

41 cm

Esta ave é alvo de caçadores e a destruição dos banhados é um fator de risco para a espécie. Apesar disso, ainda não se encontra ameaçada de extinção na nossa região. Não costuma formar grandes bandos, preferindo andar em pares ou em pequenos grupos. Chama a atenção na marreca-pardinha o costume de construir sua casa em cima dos enormes ninhos das caturritas, no alto das árvores, às vezes a até vinte metros do chão. Seu habitat são os banhados, pois ela precisa de águas rasas para se alimentar. Sua técnica é a seguinte: ela mergulha o bico na água e retira um pouco de terra. Essa terra vai escorrendo com o líquido ao passar por umas estruturas serrilhadas existentes no seu bico. O que resta na boca são os pequenos moluscos do banhado, que ela por fim comerá. A marreca-pardinha alimenta-se também de pasto, grãos e sementes.

Cochicho

Nome científico

Anumbius annumbi

Alimentação

insetos

Reprodução

o ninho, de forma cilíndrica, é construído em árvores isoladas utilizando-se de gravetos

Ocorrência/Distribuição

ocorre de Goiás, Minas Gerais e Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul, Uruguai, Paraguai e Argentina

Habitat

terrenos abertos, matagais e campos com árvores esparsas

Tamanho

20 cm



Quando encontramos o ninho de um cochicho, uma pergunta é inevitável: como uma pequena ave pode fazer uma casa tão grande e tão resistente ao vento e à chuva? Em sua construção, este animal emprega materiais diversos e coloridos: gravetos, pedaços de sacolas plásticas, arame, tampas de canetas esferográficas. Aliás, por causa desses pedaços de arame e outros objetos metálicos, os ninhos já provocaram vários acidentes nas redes elétricas rurais do estado. Essas peculiares construções contam com mais de uma entrada, possivelmente para confundir predadores e facilitar a fuga no caso de um ataque. Quando o cochicho abandona o seu ninho, este é frequentemente ocupado por outras aves. O cochicho tem a cauda com ponta branca, em forma de leque, a qual balança violentamente quando se sente ameaçado. Gosta de tomar banhos de terra.



É uma ave extremamente elegante. Durante o período de reprodução, ela ostenta plumas especiais, longas, muito glamurosas, conhecidas como “egretas”. Justamente por causa dessas penas é que o animal já foi alvo de caçadores. As egretas eram muito cobiçadas pelos fabricantes de chapéus para mulheres. Uma cena bonita de se ver é a reunião de centenas de garças-brancas-grandes. Elas organizam-se em grandes colônias na época de sua reprodução. As garças gostam de comer peixes e, quando estão no meio urbano, têm uma técnica infalível para capturá-los. Na ponta do bico, seguram pedaços de pão, que funcionam como iscas.

Garça-branca-grande

Nome científico

Ardea alba

Alimentação

peixes e sapos

Reprodução

ninho grande, feito de gravetos, geralmente sobre árvores e arbustos

Ocorrência/Distribuição

todo o Brasil

Habitat

beira de lagos, campos alagados, rios e banhados

Tamanho

90 cm

Freirinha

Nome científico

Arundinicola leucocephala

Alimentação

insetos

Reprodução

o ninho tem formato de bola; a postura consta de 2 a 4 ovos de cor branco-amarelada com pequenas pintas vermelhas

Ocorrência/Distribuição

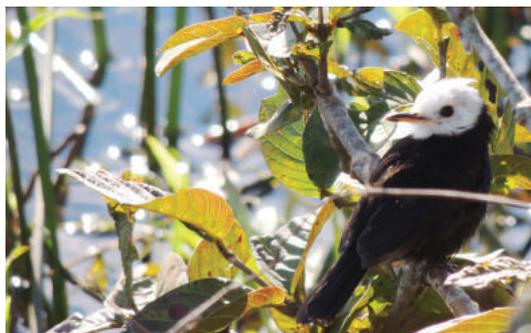
ocorre das Guianas e Colômbia à Bolívia, todas as regiões do Brasil até o Paraguai

Habitat

brejos, banhados, margens de rios e lagos

Tamanho

14 cm



Seu nome científico, *Arundinicola leucocephala*, vem do latim e significa “morador de cabeça branca dos juncos”. Esta ave pode ser vista em arbustos perto de áreas úmidas, como os banhados. É insetívora. Já que muitos insetos depositam suas larvas na água do banhado, a freirinha tem comida abundante. Ela é conhecida por sua habilidade de capturá-los em pleno voo. Quando constrói o ninho, utiliza plumas de outros pássaros para forrá-lo. Seus filhotes nascem com penas amarelas que imitam a cor de uma lagarta venenosa, o que desencoraja a ação de predadores. Entre eles se encontram os gaviões, as corujas, as serpentes e os gambás.

Socó-boi-baio

Nome científico

Botaurus pinnatus

Alimentação

peixes, anfíbios, e pequenos roedores

Reprodução

o casal constrói seu ninho em campos, juncais e arrozais

Ocorrência/Distribuição

em todo o Brasil, também do México à Argentina

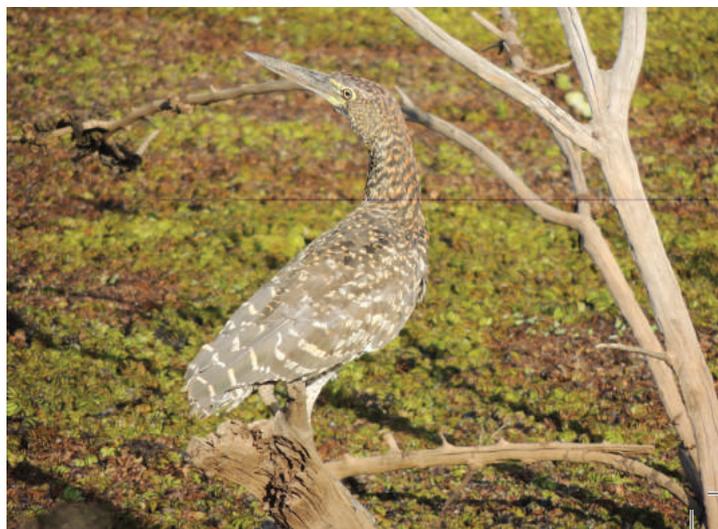
Habitat

banhados rasos e áreas alagadas com capim alto ou junco

Tamanho

55 cm

Com plumagem parda e rajada, o socó-boi-baio consegue se camuflar muito bem na vegetação densa das áreas alagadas. Lá, costuma ficar imóvel. Segundo o americano William Belton, que foi um grande observador das aves do Rio Grande do Sul, o socó-boi-baio até imita o movimento dos juncos ao vento. Se alguém tentar se aproximar dele, alçará um voo curto, mas suficiente para se afastar do local. É uma ave arisca, dificilmente avistada em áreas urbanas. Costuma caçar – anfíbios, pequenos roedores, peixes – no crepúsculo. Tem o bico robusto. É uma ave de grande porte, da ordem Pelecaniformes, a mesma dos pelicanos e das garças.



Maçarico-de-cara-pelada ou Chapéu-velho

Nome científico

Phimosus infuscatus

Alimentação

vegetais e pequenos invertebrados

Reprodução

nidifica em juncais. Os ovos são azulados e a incubação varia de 23 a 24 dias

Ocorrência/Distribuição

do centro do Brasil para baixo

Habitat

brejos, margens de rios, banhados e campos recentemente arados

Tamanho

40 cm

Tem o corpo negro e o bico longo, de cor amarela ou alaranjada. É comumente avistado em bandos, voando numa formação que lembra a letra V. Esses deslocamentos se dão no início da manhã e no fim da tarde. Quando o dia começa, o grupo vai até áreas de banhados para se alimentar. As aves procuram comida com o bico, na água rasa, caminhando lentamente. No fim da tarde, retornam aos campos, onde dormem, empoleiradas em árvores. Os bandos podem chegar a ter centenas de indivíduos. Na época de reprodução, contudo, separam-se do grupo: o casal se isola para cuidar dos filhotes. É uma espécie muito abundante em nossa região.





Anu-branco

Nome científico

Guira guira

Alimentação

insetos, aranhas e pequenos vertebrados

Reprodução

constrói ninhos individuais ou coletivos; os filhotes deixam o ninho antes de poder voar

Ocorrência/Distribuição

do sudeste do Amapá e do estuário amazônico à Bolívia, Argentina e Uruguai

Habitat

campos, capoeiras, pomares e vegetação na beira da estrada

Tamanho

38 cm

De nome científico *Guira guira* – “guira” era como os índios guaranis o chamavam –, este pássaro é conhecido popularmente como rabo-de-palha ou alma-de-gato. É sociável e tolera a presença humana. Por isso, pode ser avistado perto de áreas urbanas, em bandos de cinco a trinta indivíduos. Bom caçador, alimenta-se de presas que poderiam até ser consideradas grandes demais para o seu bico: sapos, lagartixas, lagartas, camundongos. Também come aranhas, besouros e gafanhotos. Como parece uma ave de rapina, é temido por outros pássaros. Para se esquentar, à noite, costumam ficar bem juntinhos, um do lado do outro, formando uma fileira. Os anus-brancos gostam de tomar banho de sol, e também de areia. Como voam baixo e de forma lenta, são frequentemente atropelados nas rodovias.

Gavião-caboclo

Nome científico

Heterospizias meridionalis

Alimentação

pequenos mamíferos, aves, cobras, lagartos, rãs, sapos e grandes insetos

Reprodução

de julho a novembro. Faz ninho a pouca altura, sobre árvores baixas ou palmeiras

Ocorrência/Distribuição

quase todo o Brasil, e do Panamá à Argentina

Habitat

campos e pastagens

Tamanho

55 cm



Com seu porte imponente, o gavião-caboclo é facilmente visto nos campos do sul do estado, planando à procura de presas ou pousado em postes de luz. Tem o hábito de seguir incêndios, razão pela qual também é conhecido como gavião-fumaça. Quando avista fumaça no campo, segue em sua direção e adianta-se ao fogo para poder caçar os animais que estejam fugindo das chamas. Pode, também, procurar carcaças de bichos mortos pelo incêndio. Voa alto e aproveita correntes de ar quente para planar. Consegue passar presas para outros gaviões em pleno voo. Territorialista na caça, afugenta outras aves que tentem buscar alimento em sua área. É abundante em nossa região.

Este pássaro gosta de comer frutas. Também se nutre de flores de eucalipto e laranjeira, e de folhas de mamão e chuchu. E consegue capturar cupins em pleno voo. Por tudo isso, pode ser avistado com frequência em pomares, parques, jardins e outras áreas abertas com árvores. É considerado ativo e barulhento. O macho tem um colorido muito vivo: a cabeça é de um azul-cerúleo vibrante, o corpo é amarelo, o dorso é negro. Tem asas azuis rajadas de preto e o rabo azul. Já a fêmea apresenta tons marrom-esverdeados.



Sanhaçu-papa-laranja

Nome científico

Pipraeidea bonariensis

Alimentação

alimenta-se principalmente de frutos

Reprodução

o ninho se assemelha a uma taça. Cada ninhada geralmente consta de 2 a 4 ovos, tendo de 2 a 3 ninhadas por temporada

Ocorrência/Distribuição

sul de São Paulo à Argentina e Paraguai, e do Chile ao Equador, seguindo os Andes

Habitat

pomares, jardins, parques, áreas abertas com árvores. Matas de galeria e capões

Tamanho

18 cm

Polícia-inglesa-do-sul

Nome científico

Sturnella superciliaris

Alimentação

alimenta-se de larvas, insetos e sementes

Reprodução

nidifica no chão, principalmente nos campos em moitas de capim, pondo de 4 a 5 ovos

Ocorrência/Distribuição

da Argentina ao Peru, e em quase todo o Brasil extra-amazônico

Habitat

áreas úmidas e palustres, campos e plantações de cereais

Tamanho

17 cm



O macho desta espécie tem o peito vermelho-vivo, contrastando com o corpo e as asas negras, e uma faixa branca na altura dos olhos. A fêmea é diferente: tem coloração marrom clara e pode apresentar plumagem rosa no peito. O canto do polícia-inglesa-do-sul é agudo e chiado. Esse pássaro pode ser encontrado nas proximidades de plantações de arroz, trigo e sorgo, cereais que procura no solo para se alimentar. A dieta também inclui larvas e insetos. Constrói seu ninho em forma de cesta, nas moitas de capim. Em nossa região, também é conhecido como sangue-de-boi.

Chopim-do-brejo

Nome científico

Pseudoleistes guirahuro

Alimentação

alimenta-se de grãos e sementes

Reprodução

seu ninho é feito em árvores fechadas, com o formato de uma cesta aberta. A fêmea põe 2 ou 3 ovos que são incubados durante 15 dias

Ocorrência/Distribuição

sul do Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Minas Gerais

Habitat

brejos, várzea, campos ondulados perto de áreas com banhados

Tamanho

24 cm

Como o nome já diz, este pássaro habita os brejos. Mas ele também é encontrado em várzeas e em campos nas proximidades de banhados. Alimenta-se de grãos e sementes que descobre nessas regiões e nas roças de milho e soja. O chopim-do-brejo pode ser avistado em bandos pequenos, andando pelos campos à procura de comida. Escolhe as árvores dos capões para construir seus ninhos, que são em forma de cesta, com bastante barro para cobrir o fundo. Tem um canto alto e estridente. Os integrantes dos bandos costumam cantar juntos, em pleno voo, quando o grupo está se mudando para outro local.





Por causa da sua coloração rosada, que se intensifica nos períodos de reprodução, ele costuma ser confundido com o flamingo, uma ave muito maior. Recebe o nome de colhereiro por causa do seu bico, que tem a extremidade em forma de colher. Usa-o para procurar alimento, e vai peneirando a água para encontrar peixes, anfíbios, camarões e moluscos. Habita os banhados e outros lugares onde exista água. Durante a época reprodutiva, costuma cortejar o par com batidas de bico e até lhe oferece galhinhos de presente. É um animal gregário: vive em bandos. Comunica-se por meio de grasnados. Pode viver até 15 anos.

Colhereiro

Nome científico

Platalea ajaja

Alimentação

insetos, crustáceos e pequenos vertebrados

Reprodução

nidifica em colônias e constrói o ninho com gravetos e talos secos de gramíneas em árvores; postura de 2 a 3 ovos que são incubados por cerca de 22 dias

Ocorrência/Distribuição

dos Estados Unidos à Argentina, e grande parte do Brasil

Habitat

banhados, campos alagados, arrozais, açudes e reservatórios

Tamanho

55 cm

Mergulhão

Nome científico

Podilymbus podiceps

Alimentação

vegetação aquática, peixes

Reprodução

ninho flutuante, feito de capim e juncos, fica ancorado na vegetação aquática. Põe de 4 a 6 ovos pequenos

Ocorrência/Distribuição

da América do Norte ao Chile, Argentina e Brasil oriental

Habitat

açudes, banhados, lagos e reservatórios com vegetação aquática flutuante

Tamanho

30 cm

Uma ave especializada em mergulhos. Pode ficar até 40 segundos debaixo d'água quando está caçando. Ao se sentir ameaçado, afunda como se fosse uma pedra. Constrói ninhos flutuantes, com junco e capim, e ancora-os na vegetação das lagoas e lagos que habita. Costuma caçar os peixes e batê-los na superfície da água para parti-los e assim poder alimentar os filhotes. É arisco e silencioso. Tem o bico curto, como o de uma galinha, e bastante grosso. Voar não é o seu forte. O mergulhão pode ser visto em grande parte do continente americano. É o único representante vivo do gênero *Podilymbus*, depois da extinção do mergulhão-de-atitlán, que habitava a Guatemala.



Saracura-do-banhado

Nome científico

Pardirallus sanguinolentus

Alimentação

capim e brotos, insetos, crustáceos e pequenos vertebrados

Reprodução

nidifica sobre o capim, taboas ou sobre a vegetação à beira d'água. Choca de 4 a 6 ovos

Ocorrência/Distribuição

ocorre nos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe

Habitat

brejos e banhados com bastante vegetação

Tamanho

32 cm

Chamam a atenção nesta ave os detalhes em azul e vermelho do bico. Seu corpo é negro; as pernas são longas e de um marrom avermelhado. Dizem que a saracura-do-banhado é mais ouvida do que vista, pois costuma passar os dias escondida nos brejos. À noite, sai para se alimentar. Come minhocas, insetos e grãos. Apesar de poder voar, raramente o faz. É uma ave pequena e desajeitada. Seu canto é composto de fortes apitos. Constrói o ninho sobre a vegetação à beira d'água. Principal ameaça: a destruição do seu habitat.



Pica-pau-do-campo

Nome científico

Colaptes campestris

Alimentação

insetos, principalmente formigas e cupins

Reprodução

ninhos elaborados, construídos a cada período reprodutivo. Põe de 4 a 5 ovos brancos, límpidos e brilhantes. Macho e fêmea fazem a incubação

Ocorrência/Distribuição

desde o nordeste do Brasil ao Uruguai, também no Paraguai, na Bolívia e Argentina

Habitat

campos e cerrados

Tamanho

32 cm



Este pássaro é diferente dos demais pica-paus da região, pois se alimenta mais no chão do que nas árvores. Come principalmente formigas e cupins. Tem uma maneira infalível de capturar insetos: sua saliva funciona como uma cola que deixa a sua língua extremamente pegajosa. Se um inseto encostar nela, pronto, já virou almoço. É fácil de identificar o pica-pau-do-campo: os lados da cabeça e o pescoço são amarelos, e o alto da cabeça e o peito são negros. Tem uma voz forte e grita para marcar território e para se comunicar com o grupo. Vive em campos e cerrados.

Pernilongo

Nome científico

Himantopus melanurus

Alimentação

insetos

Reprodução

nidifica em colônias. Deposita seus ovos em depressões de terrenos secos, chocando ovos de cor ocre, manchados de preto e castanho

Ocorrência/Distribuição

está presente em todo o Brasil, com exceção do norte da Amazônia. Também ocorre no sul do Peru, Bolívia, Argentina, Paraguai, Chile e Uruguai

Habitat

campos alagados, banhados, lagos e açudes, arrozais, praias fluviais e marítimas

Tamanho

38 cm

Seu nome científico, *Himantopus melanurus*, vem do latim e quer dizer pássaro de pernas longas e cauda preta. É uma ave elegante e vistosa. Tem o bico longo e as pernas compridas e avermelhadas. Seu habitat são as lagoas, praias, banhados e arrozais. Come insetos aquáticos e invertebrados, como os pequenos moluscos que encontra no barro. Para achar a comida, varre a superfície da água com o bico semi-aberto. É frequentemente visto em bandos e tem o costume de fazer ninhos em colônias. Escolhe terrenos secos para depositar seus ovos.



Quero-quero

Nome científico

Vanellus chilensis

Alimentação

invertebrados aquáticos e pequenos peixes, artrópodes e moluscos terrestres

Reprodução

nidifica em áreas abertas, em cavidade esgravatada no solo

Ocorrência/Distribuição

ocorre em todo o Brasil

Habitat

banhados e pastagens

Tamanho

37 cm

Presença constante nos campos gaúchos, o quero-quero também é conhecido como sentinela dos pampas por ser uma ave extremamente alerta, que avisa, com um grito estridente, quando algum intruso aparece em sua área. É considerado briguento, pois tenta afugentar outras espécies. Quando se sente ameaçado, o macho não hesita em dar rasantes até mesmo em pessoas. Dizem que as capivaras sabem interpretar o grito do quero-quero: quando significa perigo, elas ficam atentas. O quero-quero também vive em banhados, organizando-se em pequenos ou grandes grupos. Pode habitar áreas urbanas, sendo avistado em aeroportos, em campos de futebol e nos topos de edifícios. Para buscar alimento, mexe na lama com as patas e captura pequenos peixes e invertebrados aquáticos com o bico. Entre os seus predadores estão o gavião-caboclo e o caracará.



Caracará

Nome científico

Caracara plancus

Alimentação

come tanto animais mortos como vivos (sapos, pequenos roedores)

Reprodução

constrói um ninho com galhos em bainhas de folhas de palmeiras ou em outras árvores

Ocorrência/Distribuição

ocorre da Argentina até o sul dos Estados Unidos e em todo o Brasil

Habitat

regiões abertas

Tamanho

56 cm

Também conhecido como carcará. O nome vem do som que a ave faz, e foi dado pelos índios que aqui viviam. Pertence à família Falconidae, ou seja, é parente dos falcões. Podemos reconhecê-lo com facilidade, pois ele parece ter um chapéu preto sobre a cabeça. Seu bico é curvo. O caracará come de tudo: animais vivos, carcaças, até mesmo lixo doméstico. Uma curiosidade sobre essa espécie é que os indivíduos se limpam mutuamente à procura de parasitas. Dizem que essa ação, além de ser higiênica, contribui para o bom convívio do bando.



Coruja-buraqueira

Nome científico

Athene cunicularia

Alimentação

sapos, pequenos roedores e insetos

Reprodução

em média de 6 a 11 ovos. Enquanto a fêmea bota os ovos, o macho providencia a alimentação e a proteção para os futuros filhotes

Ocorrência/Distribuição

ocorre do Canadá à Terra do Fogo e em quase todo o Brasil, com exceção da bacia Amazônica

Habitat

vive em campos, restingas e praias

Tamanho

23 cm



Tem hábitos diurnos, à diferença da maioria das corujas, ativas no crepúsculo e à noite. Como o nome indica, esta ave escava buracos na areia para fazer os seus ninhos, mas não é incomum que utilize estruturas já prontas, como cupinzeiros e buracos de tatu. Habita áreas campestres e pode ser avistada também em praias. Para afugentar os predadores, os filhotes fazem ruídos que imitam chocalhos. A coruja-buraqueira é um animal muito alerta e não hesita em dar rasantes naqueles que se atrevem a chegar perto dos seus ninhos.



Mamíferos





O termo MAMÍFERO deriva do latim e significa conduzir a mama. As espécies que compõem a Classe Mammalia (dos mamíferos) possuem como caracteres especiais e exclusivos a presença de glândulas mamárias e pelos que recobrem a pele. São animais cordados pertencentes ao grupo dos vertebrados, com origem descrita para o Triássico, há cerca de 220 milhões de anos. Todos derivam de um mesmo grupo ancestral chamado Cinodontes. Pelo fato de os mamíferos primitivos terem evoluído como espécies noturnas, os sentidos como audição, olfato e visão são bem desenvolvidos, principalmente nos silvestres. Outro aspecto interessante é a sua dentição, que durante a evolução ou desenvolveu-se ou atrofiou-se, possibilitando uma variada gama de dietas, de carnívora a insetívora. São

animais extremamente adaptáveis, que podem viver em diversos tipos de ambientes (terra, água e ar) e ter hábitos variados (diurno, crepuscular e noturno). Atualmente os mamíferos compreendem 5416 espécies, organizadas em 29 ordens. No Brasil são conhecidos 701 mamíferos nativos e, destes, 175 ocorrem no Rio Grande do Sul. Os roedores e morcegos representam o maior número, seguido dos cetáceos e carnívoros. Muitas destas espécies encontram-se enquadradas em algum nível de ameaça, global, nacional ou estadual, tendo como causas principais a perda de habitat para a expansão agrícola ou urbana, a caça e a introdução de espécies exóticas invasoras.

— Michele Buffon Camargo



Gambá-de-orelha-branca

Nome científico

Didelphis albiventris

Alimentação

ratos, aves e seus filhotes, ovos, répteis e frutos

Reprodução

de setembro a maio

Ocorrência/Distribuição

todo o estado do Rio Grande do Sul

Habitat

generalista, podendo viver próximo a ocupações humanas

Tamanho

CC¹: 30-89 cm e CR²: 29-43 cm

¹Comprimento do corpo

²Comprimento do rabo

A Austrália fica bem longe daqui, mas sabia que existe um parente do canguru na nossa região? É o gambá-de-orelha-branca. Ele é menor que o parente australiano: quando adulto, fica do tamanho de um gato doméstico. Possui polegares opositores, como os humanos. São uma baita ajuda na hora de colher alimentos e de subir em árvores. O gambá-de-orelha-branca parece não se intimidar com a presença humana e até vai morar nos telhados e sótãos das casas. Seus predadores são onças, pumas, serpentes, gaviões... Quando em perigo, pode se fazer de morto (pratica a tanatose). Isso é muito útil porque muitos predadores não se interessam por animais mortos. Mais um fato curioso: às vezes, come alguma frutinha fermentada e acaba ficando bêbado. Uic!

Tatu-galinha

Nome científico

Dasyus novemcinctus

Alimentação

raízes, tubérculos, insetos e outros invertebrados

Reprodução

fêmea pode reter óvulos fecundados por longo tempo; 4 filhotes, todos do mesmo sexo

Ocorrência/Distribuição

todo o estado do Rio Grande do Sul

Habitat

bosques e savanas arborícolas

Tamanho

CC: 39-57 cm e CR: 29-45 cm

Foi por causa do gosto de sua carne que este animal ganhou o nome popular de tatu-galinha. Sim, a espécie continua na mira de caçadores, embora a caça seja ilegal. Geralmente associamos os tatus à terra, mas este é um excelente nadador. Atravessar rios não é nenhum problema para ele. Apesar das patas curtas e dos oito quilos que chega a pesar quando adulto, pode correr rapidamente em pequenas distâncias. Mais algumas curiosidades sobre o tatu-galinha: suas ninhadas são todas do mesmo sexo. Ele é parente próximo dos tamanduás e dos bichos-preguiça, que também são da ordem Xenarthra. Suas comidas favoritas são formigas, cupins, tubérculos e raízes.





Preá

Nome científico

Cavia aperea

Alimentação

vegetação rasteira

Reprodução

gestação de aproximadamente dois meses; de 1 a 5 filhotes.

Várias proles durante o ano

Ocorrência/Distribuição

por todo o estado do Rio Grande do Sul

Habitat

campo e borda de banhados

Tamanho

CC: 14-30 cm e CR: zero

De corpo robusto, pescoço curto e cabeça grande, à primeira vista o preá parece até uma capivara em miniatura. Assim como o maior roedor da Terra, este bichinho vive em grupos (pequenos, de cinco a dez animais) e emite ruídos fortes quando se encontra em perigo. Gosta de ficar em lugares onde o pasto é alto, pois se sente protegido dos predadores, mas prefere se alimentar onde o pasto é mais baixo. Nas idas e vindas dos ninhos até as fontes de comida, acaba construindo uma série complexa de caminhos pela vegetação. Nutre-se exclusivamente de sementes, raízes e tubérculos. A lista de seus predadores é extensa: aves de rapina, serpentes, canídeos, felinos selvagens, e até mesmo cães e gatos domésticos. O preá é visto com frequência à margem de estradas. Ah, sim: é parente do porquinho-da-índia.



Capivara

Nome científico

Hydrochoerus hydrochaeris

Alimentação

herbívora; vegetação aquática e palustre

Reprodução

maior frequência na primavera e verão; de 2 a 7 filhotes

Ocorrência/Distribuição

todo o estado do Rio Grande do Sul

Habitat

áreas úmidas, banhados, matas de galeria

Tamanho

CC: 107-134 cm e CR: 1-2 cm

Eis o maior roedor da Terra: a capivara! Ela pode pesar até 80 quilos. Geralmente é avistada em grupos à beira de rios e banhados. Não é que odeie a solidão: os bandos são uma estratégia de sobrevivência. Se alguma capivara vê um predador, começa a emitir ruídos muito fortes para alertar o restante do bando. Daí, todas se atiram n'água. Tchibum! E as capivaras se dão muito bem dentro d'água, pois possuem membranas entre os dedos que facilitam a natação. Principais ameaças: a caça, e os atropelamentos nas rodovias. Os jacarés também são predadores. Mas esses enormes roedores contam com amigos de outras espécies. São as aves que vêm limpar sua pelagem em busca de parasitas, dos quais fazem gostosas refeições.

Ratão-do-banhado

Nome científico

Myocastor coypus

Alimentação

herbívora; vegetais frescos

Reprodução

durante todo o ano; de 2 a 13 filhotes

Ocorrência/Distribuição

todo o estado do Rio Grande do Sul

Habitat

banhados, preferencialmente água lântica

Tamanho

CC: 43-64 cm e CR: 25-43 cm



Este habitante dos banhados cuida muito bem da sua pelagem. Para deixar o pelo brilhante e impermeável, esfrega com as patas o canto da boca, de onde sai uma substância gordurosa. Depois, espalha pacientemente esse produto de beleza sobre o corpo. Tem bigodes compridos, conhecidos como vibrissas, que funcionam como sensores e ajudam-no, por exemplo, a localizar alimentos. O ratão-do-banhado gosta de comer vegetais verdes e pode devorar até 25% do seu peso em verdurinhas por dia. Vive em bandos e mergulha rapidamente na água quando se sente em perigo. Seus predadores são jacarés, aves de rapina e mamíferos carnívoros. Também é muito visado pelos caçadores por causa de sua pele.



Lebre-europeia

Nome científico

Lepus europaeus

Alimentação

herbívora; gramíneas, sementes

Reprodução

ao longo de todo o ano (até 4 vezes ao ano); de 1 a 8 filhotes

Ocorrência/Distribuição

todo o estado do Rio Grande do Sul

Habitat

pradarias, campo aberto

Tamanho

CC: 60-70 cm e CR: 7-11 cm

É uma espécie exótica na nossa região. Como o nome diz, ela veio da Europa. Adaptou-se muito bem aqui, pois encontrou bastante alimento e muita área livre por onde correr e ter filhotes. A lebre-europeia é diferente do coelho: além do corpo maior, tem orelhas mais longas e mais levantadas. Apesar de ter muitas crias ao longo da vida, esta lebre não apresenta hábitos familiares. Vive solitária. Gosta de comer gramíneas, sementes, hortaliças e cereais. Seus predadores são carnívoros de médio e grande porte, como gatos silvestres, e também aves de rapina, como as corujas. Consegue atingir altas velocidades ao escapar. Também é muito boa em fazer mimetismo, ou seja, em se confundir com a paisagem. Às vezes é impossível achar uma lebre no meio da vegetação dos campos.

Veado-virá

Nome científico

Mazama gouazoubira

Alimentação

vegetação rasteira

Reprodução

entre março e junho; apenas 1 filhote

Ocorrência/Distribuição

todo o estado do Rio Grande do Sul

Habitat

região serrana, planícies

Tamanho

CC: 82-125 cm e CR: 8-15 cm

A pequena mancha branca acima dos olhos, as orelhas bem grandes e os chifres simples são três características desta espécie. O veado-virá não costuma se intimidar com a presença de pessoas e por isso pode ser visto em áreas bastante modificadas pelo ser humano, como plantações de milho e soja, e em zonas de reflorestamento de pinus e eucalipto. Apesar de ser abundante no Rio Grande do Sul, não está livre de perigos: a caça, que é ilegal, poderá acabar com a população de veados-virá em algumas regiões. Outra ameaça são os atropelamentos. Para escapar dos predadores, o veado-virá consegue atravessar rios a nado. É um animal solitário e dá a luz a apenas um filhote por vez.





Gato-do-mato-grande

Nome científico

Leopardus geoffroyi

Alimentação

carnívora; pequenos roedores e aves

Reprodução

uma vez ao ano; de 1 a 4 filhotes

Ocorrência/Distribuição

no Brasil ocorre somente no Rio Grande do Sul, no Bioma Pampa

Habitat

formações florestais, campos e bordas de banhados

Tamanho

CC: 42-66 cm e CR: 24-36 cm

É o felino selvagem mais comum da América do Sul. Tem o tamanho de um gato doméstico e pode pesar de dois a seis quilos. Solitário, terrestre e noturno, este bicho costuma ser bastante desconfiado. É um excelente caçador, como todos os felinos. Suas presas favoritas são pequenos roedores e lagartos, lebres, aves, sapos, peixes e insetos. Pode atravessar rios mesmo com correnteza forte, pois ele nada muito bem. No Brasil, o gato-do-mato-grande só existe na metade sul do nosso estado. Seu nome científico, *Leopardus geoffroyi*, é uma homenagem ao zoologista e naturalista francês Étienne Geoffroy Saint-Hilaire, que esteve na América do Sul no século XIX, e foi o primeiro a identificar esse gato como uma espécie distinta.



Graxaim-do-mato

Nome científico

Cerdocyon thous

Alimentação

onívora e oportunista; frutos, pequenos roedores e aves

Reprodução

entre janeiro e março; de 3 a 6 filhotes

Ocorrência/Distribuição

todo o estado do Rio Grande do Sul

Habitat

campos e pradarias, sítios, pastagens

Tamanho

CC: 54-77 cm e CR: 22-41 cm

É parente do graxaim-do-campo, das raposas e até mesmo dos cachorros domésticos: todos pertencem à família Canidae. Tem corpo mais robusto, as orelhas menores e o focinho mais curto do que o graxaim-do-campo. Pode pesar até nove quilos. É, por vezes, necrófago: come os filhotes de ovelhas que nascem mortos. Por isso, acaba sendo caçado pelos produtores rurais, pois estes acham que o graxaim os matou. Assim como o graxaim-do-campo, este animal é um dos principais dispersores do butiazeiro, porque come os frutos e depois expele as sementes com as fezes. São bichos extremamente curiosos e podem se aproximar de acampamentos em busca de comida. A caça e os atropelamentos são as principais ameaças à sua sobrevivência. É monogâmico: vive sempre com o mesmo par. Territorial, demarca sua área com urina e fezes.



Graxaim-do-campo

Nome científico

Lycalopex gymnocercus

Alimentação

onívora; grande variedade de alimentos

Reprodução

geralmente ocorre na primavera; de 1 a 5 filhotes

Ocorrência/Distribuição

todo o estado do Rio Grande do Sul

Habitat

pastagens pampianas, ambientes abertos, pradarias

Tamanho

CC: 44-72 cm e CR: 25-41 cm

Também chamado de zorro gris por causa de sua pelagem acinzentada. É menor do que o graxaim-do-mato: mede cerca de um metro de altura e pesa de quatro a seis quilos. Este animal se adapta muito bem aos ambientes modificados pelos humanos. Como é bastante curioso, pode se aproximar de casas e acampamentos. A dieta do graxaim-do-campo é onívora: inclui pequenos mamíferos, aves, anfíbios, insetos e até mesmo animais mortos. Ele também se alimenta de frutos, e com isso acaba ajudando a disseminar, por meio de suas fezes, sementes de árvores como o butiazeiro. Tem hábitos crepusculares e noturnos, e passa os dias dentro de tocas ou em ocós de árvores. Quando se sente ameaçado, também pode se fingir de morto, escapando assim dos predadores que preferem carne fresca.

Mão-pelada

Nome científico

Procyon cancrivorus

Alimentação

onívora; artrópodes, moluscos, peixes, anfíbios

Reprodução

de maio a julho; de 2 a 7 filhotes

Ocorrência/Distribuição

todo o estado do Rio Grande do Sul



Habitat

bosques, áreas abertas, cercadas com corpos d'água

Tamanho

CC: 55-87 cm e CR: 26-42 cm

O que mais chama a atenção neste bicho é a faixa negra que ele tem na altura dos olhos. Não parece a máscara de um bandido de histórias em quadrinhos? O mão-pelada ganhou esse apelido porque suas mãos são lisas, e as palmas, sem pêlos. Seu tato é muito desenvolvido, o que o ajuda a encontrar comida dentro d'água. Em sua dieta estão caranguejos, moluscos e anfíbios, além de frutos e insetos. Sempre

que possível, prefere mergulhar os alimentos n'água antes de comê-los. O mão-pelada também pode se aproximar de acampamentos em busca de uma refeição. Geralmente é visto perto de estradas e de banhados. Ágil nas escaladas, passa o dia em cima das árvores. Seus principais inimigos são mesmo os seres humanos: existem muitos registros de atropelamentos.



Zorriho

Nome científico

Conepatus chinga

Alimentação

insetos e ovos de tartaruga

Reprodução

uma vez ao ano; de 2 a 5 filhotes

Ocorrência/Distribuição

todo o estado do Rio Grande do Sul

Habitat

ambientes abertos, pradarias, savanas arbóreas

Tamanho

CC: 28-50 cm e CR: 18-40 cm

Tem fama de ser fedorento, mas esse odor desagradável associado ao zorriho faz parte de sua estratégia de defesa. Ele solta esse cheiro forte quando se sente acuado pelos seus oponentes, que podem ser tanto grandes carnívoros quanto cães domésticos. O zorriho tem visão e audição muito limitadas. Só consegue enxergar seus inimigos quando estão muito perto. Mas ele também é um predador: talvez seja o principal consumidor dos ovos da tartaruga conhecida popularmente como tigre-d'água (divide o posto com gaviões e lagartos). Além disso, come serpentes, filhotes de aves e insetos. Entre as maiores ameaças à existência dos zorrihos estão os veículos e as estradas. Atropelamentos são frequentes.

Furão

Nome científico

Galictis cuja

Alimentação

carnívora; pequenos roedores, aves

Reprodução

geralmente primavera ou início do verão; de 2 a 5 filhotes

Ocorrência/Distribuição

todo o estado do Rio Grande do Sul



Habitat

campos abertos geralmente próximos de água, florestas

Tamanho

CC: 27-52 cm e CR: 13-19 cm

O nosso furão, de nome científico *Galictis cuja*, é parente de um bichinho de estimação muito popular, principalmente na América do Norte: o furão-doméstico (ferret, em inglês). É difícil vê-lo em seu habitat, apesar dos seus hábitos diurnos e campestres, pois ele gosta de ficar escondido. Também prefere andar sozinho, mas às vezes podemos avistar uma mãe e seus filhotes

na natureza. À noite, costuma se abrigar em tocas feitas em troncos. Seus predadores são as aves de rapina e os grandes carnívoros, mas a espécie não está ameaçada de extinção. Extremamente ágil, muitas vezes consegue escapar em grande velocidade. Mas não é só em terra firme que este bicho dá show: também é considerado um excelente nadador.

Lontra

Nome científico

Lontra longicaudis

Alimentação

carnívora; peixes

Reprodução

geralmente na primavera; em algumas regiões pode ser todo o ano; de 1 a 5 filhotes

Ocorrência/Distribuição

todo o estado do Rio Grande do Sul

Habitat

banhados, rios, açudes, arroios, canais

Tamanho

CC: 50-79 cm e CR: 37-57 cm



Seu nome científico é *Lontra longicaudis*, o que nos dá uma pista sobre o tamanho de sua cauda. Além de longa, é musculosa, e serve como remo quando ela está nadando. As membranas existentes entre seus dedos ajudam na natação. A lontra fica tão à vontade dentro d'água que pode comer e nadar de costas ao mesmo tempo. Seus alimentos favoritos são peixes, moluscos, aves e pequenos mamíferos. Tem bigodes longos (conhecidos como vibrissas) que agem como sensores na hora de encontrar comida. É um bicho solitário e gosta de se refugiar em buracos e tocas nos barrancos. Para deslizar até a água, constrói caminhos que parecem uns tobogãs. Principais ameaças: caçadores, que cobiçam sua pele. A construção de barragens e a redução das matas ciliares também põem sua vida em perigo. Felizmente, não está mais ameaçada de extinção.

Lista de espécies

Peixes Anuais

Família Rivulidae

Cynopoecilus melanotaenia

Austrolebias nigrofasciatus

Austrolebias wolterstorffi

Austrolebias cf. *jaegari*

Austrolebias minuano

Anfibios

sapinho-de-barriga-vermelha

(*Melanophryniscus dorsalis*)

sapinho-de-jardim (*Rhinella dorbignyi*)

sapinho-da-terra (*Odontophrynus americanus*)

pererequina-do-brejo

(*Dendropsophus sanborni*)

perereca-do-banhado (*Hypsiboas pulchellus*)

rã-boiadora (*Pseudis minuta*)

perereca-de-banheiro (*Scinax fuscovarius*)

rã-chorona (*Physalaemus gracilis*)

rã-manteiga (*Leptodactylus latrans*)

sapinho-oval (*Elachistocleis bicolor*)

cecília (*Chthonerpeton indistinctum*)

Répteis

cágado-de-barbilhão (*Phrynops hilarii*)

tigre-d'água (*Trachemys dorbignii*)

lagartixa-das-casas (*Hemidactylus mabouia*)

cobra-de-vidro (*Ophiodes* aff. *striatus*)

teiú (*Salvator merianae*)

cobra-cega (*Amphisbaena trachura*)

muçurana (*Boiruna maculata*)

cobra-verde (*Erythrolamprus*

poecilogyrus sublineatus)

cobra-d'água (*Helicops infrataeniatus*)

falsa-coral (*Oxyrhopus rhombifer rhombifer*)

cobra-cipó (*Philodryas olfersii*)

parelheira (*Philodryas patagoniensis*)

boipeva (*Xenodon merremii*)

cruzeira (*Bothrops alternatus*)

jararaca-pintada (*Bothrops pubescens*)

jacaré-do-papo-amarelo (*Caiman latirostris*)

Aves

cardeal-do-banhado (*Amblyramphus holosericeus*)

marrecapardinha (*Anas flavirostris*)

cochicho (*Anumbius annumbi*)

garça-branca-grande (*Ardea alba*)
freirinha (*Arundinicola leucocephala*)
socó-boi-baio (*Botaurus pinnatus*)
maçarico-de-cara-pelada ou chapéu-velho (*Phimosus infuscatus*)
anu-branco (*Guira guira*)
gavião-caboclo (*Heterospizias meridionalis*)
sanhaçu-papa-laranja (*Pipraeidea bonariensis*)
polícia-inglesa-do-sul (*Sturnella superciliaris*)
chopim-do-brejo (*Pseudoleistes guirahuro*)
colhereiro (*Platalea ajaja*)
mergulhão (*Podilymbus podiceps*)
saracura-do-banhado (*Pardirallus sanguinolentus*)
pica-pau-do-campo (*Colaptes campestris*)
pernilongo (*Himantopus melanurus*)
quero-quero (*Vanellus chilensis*)
caracará (*Caracara plancus*)
coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*)

Mamíferos

gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*)
tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*)
preá (*Cavia aperea*)
capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*)
ratão-do-banhado (*Myocastor coypus*)
lebre-europeia (*Lepus europaeus*)
veado-virá (*Mazama gouazoubira*)
gato-do-mato-grande (*Leopardus geoffroyi*)
graxaim-do-mato (*Cerdocyon thous*)
graxaim-do-campo (*Lycalopex gymnocercus*)
mão-pelada (*Procyon cancrivorus*)
zorrilho (*Conepatus chinga*)
furão (*Galictis cuja*)
lontra (*Lontra longicaudis*)

Créditos fotográficos

Débora Argou Marques

muçurana (*Boiruna maculata*)
parelheira (*Philodryas patagoniensis*)
cobra-d'água (*Helicops infrataeniatus*)
cecília (*Chthonerpeton indistinctum*)
cobra-cega (*Amphisbaena trachura*)
cobra-verde (*Erythrolamprus poecilogyrus sublineatus*)
falsa-coral (*Oxyrhopus rhombifer rhombifer*)

Daniel Loebmann

lagartixa-das-casas (*Hemidactylus mabouia*)
jacaré-do-papo-amarelo (*Caiman latirostris*)
sapinho-de-barriga-vermelha (*Melanophryniscus dorsalis*)

Matheus Volcan/Instituto Pró-Pampa

Peixes Anuais
Cynopoecilus melanotaenia
Austrolebias nigrofasciatus
Austrolebias wolterstorffi
Austrolebias cf. jaegari
Austrolebias minuano

Carlos Benhur Kasper

veado-virá (*Mazama gouazoubira*)

Rafael Antunes Dias

zorrilho (*Conepatus chinga*)

Sergio Néglia Bavaresco

furão (*Galictis cuja*)
lontra (*Lontra longicaudis*)

Glayson Ariel Bencke

tatu-galinha (*Dasyptus novemcinctus*)

Gustavo Fonseca /Rastro

graxaim-do-campo (*Lycalopex gymnocercus*)

Guilherme Bittencourt /Projeto

Capturando vida

gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*)

João da Luz/Rastro

graxaim-do-mato (*Cerdocyon thous*)
lebre-europeia (*Lepus europaeus*)

Clarissa Alves

mão-pelada (*Procyon cancrivorus*)

Felipe Castro Bonow

marreca-pardinha (*Anas flavirostris*)
cochicho (*Anumbius annumbi*)
freirinha (*Arundinicola leucocephala*)
socó-boi-baio (*Botaurus pinnatus*)

maçarico-de-cara-pelada ou chapéu-velho (*Phimosus infuscatus*)
anu-branco (*Guira guira*)
gavião-caboclo (*Heterospizias meridionalis*)
sanhaçu-papa-laranja (*Pipraeidea bonariensis*)
polícia-inglesa-do-sul (*Sturnella superciliaris*)
chopim-do-brejo (*Pseudoleistes guirahuro*)
mergulhão (*Podilymbus podiceps*)
saracura-do-banhado (*Pardirallus sanguinolentus*)
pica-pau-do-campo (*Colaptes campestris*)
pernilongo (*Himantopus melanurus*)
garça-branca-grande (*Ardea alba*)

Sônia Huckembeck

sapinho-de-jardim (*Rhinella dorbignyi*)
pererequinha-do-brejo (*Dendropsophus sanborni*)
perereca-do-banhado (*Hypsiboas pulchellus*)
rã-boiadora (*Pseudis minuta*)
perereca-de-banheiro (*Scinax fuscovarius*)
rã-chorona (*Physalaemus gracilis*)
rã-manteiga (*Leptodactylus latrans*)
sapinho-oval (*Elachistocleis bicolor*)

cágado-de-barbilhão (*Phrynosoma hilarii*)

Solano Vasconcelos Ferreira

ratão-do-banhado (*Myocastor coypus*)
colhereiro (*Platalea ajaja*)
quero-quero (*Vanellus chilensis*)
coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*)
caracará (*Caracara plancus*)
cruzeira (*Bothrops alternatus*)
teiú (*Salvator merianae*)
tigre-d'água (*Trachemys dorbignii*)

Gustavo Machado Wallitz

cobra-cipó (*Philodryas olfersii*)
boipeva (*Xenodon merremii*)
cardeal-do-banhado (*Amblyramphus holosericeus*)
cobra-de-vidro (*Ophiodes striatus*)
jararaca-pintada (*Bothrops pubescens*)

Fernanda de Oliveira Rosa

sapinho-da-terra (*Odontophrynus americanus*)

Michele Buffon Camargo

capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*)

Tatiane Noviski-Fornel

preá (*Cavia aperea*)

Bibliografia

ABEGG, A. D. & NETO, O. M. E.,
Serpentes do Rio Grande do Sul. 1º ed.
LEW, Tapera, 152 p.;

ACHAVAL, F. & OLMOS, A., Anfíbios
y Reptiles Del Uruguay. Serie Fauna
no 1. 3ª ed. corregida y aumentada.
Montevideo, Uruguay: Zonalibro
Industria Gráfica, 2007. 160 p.;

BELTON, W. 1994. Aves do Rio Grande
do Sul, distribuição e biologia. São
Leopoldo, Ed. Unisinos.

BENCKE, G.A.; FONTANA, C.; Reis, R. 2003
Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de
Extinção no Rio Grande do Sul. 1. ed.
Porto Alegre: Edipucrs. v. 1. 632 p.

BERNARDE, P. S. 2012. Anfíbios e
Répteis – Introdução ao Estudo da
Herpetofauna Brasileira. Curitiba:
Anolisbooks, 320 pag.;

BÉRNILS, R. S. e COSTA H. C. (org.).
2012. Répteis brasileiros: Lista de
espécies. Versão 2012.1. Disponível
em <http://www.sbherpetologia.org.br/>.
Sociedade Brasileira de Herpetologia.
Acessada em 15 de agosto de 2014;

CARREIRA, S. & MANEYRO, R., Guia
de Reptiles del Uruguay. Colección:
Ciencia Amiga. Ediciones de la fuga,
2013. 287 p.;

COLOMBO, P.; KINDEL, A.; VINCIPROVA,
G. & KRAUSE, L. 2008. Composição e
ameaças à conservação dos anfíbios
anuros do Parque Estadual de Itapeva,
município de Torres, Rio Grande do Sul,
Brasil. Biota Neotrop., vol. 8, no. 3, Jul./
Set. 229 – 240;

COSTA, W. J. E. M. 2002. The
annual fish genus *Cynopoecilus*
(Cyprinodontiformes, Rivulidae):
taxonomic revision, with descriptions
of four new species. Ichthyological
Exploration of Freshwaters, 13: 11-24.

COSTA, W. J. E. M. 2006.
The South American annual
killifish genus *Austrolebias*
(Teleostei: Cyprinodontiformes:
Rivulidae): phylogenetic relationships,
descriptive morphology and taxonomic
revision. Zootaxa, 1213: 1-162.

COSTA, W. J. E. M.; Cheffe, M. M.
2001. Three new annual fishes of the
genus *Austrolebias* from the Laguna
dos Patos system, southern Brazil

and redescription of *A. adloffii* (Ahl) (Cyprinodontiformes: Rivulidae). Comunicação do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS, Série Zoologia, 14 (2): 179-200.

COSTA, W.J.E.M. & CHEFFE, M.M. *Austrolebias jaegari* (Cyprinodontiformes: Rivulidae) a new annual fish from the Laguna dos Patos System, Southern Brazil, with a redescription of *A. gymnoventris* (Amato). *Aqua, journal of ichthyology and aquatic biology*, 6 (2): 83-88, 2002.

FROST, Darrel R. 2014. Amphibian Species of the World: an Online Reference. Version 6.0. Acesso em 27 de outubro de 2014. Electronic Database. Disponível em <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA;

GARCIA, P. 2004. *Melanophryniscus dorsalis*. The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2014.2. www.iucnredlist.org. Acesso em 23 de julho de 2014;

GIRAUDO A. R. *Serpientes de la Selva Paranaense y del Chaco Húmedo*.

Buenos Aires: L.O.L.A., 2001. Argentina, 328p.;

GONÇALVES, G. L.; QUINTELA, F. M.; FREITAS, T. R. O. DE.; (ORG) 2014. *Mamíferos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Pacartes. 212p. ;

HADDAD, Célio F. B. 2008. Anfíbios. In.: Machado, A., B. M., Drummond, G.M. & Paglia, A. P. *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção*. Pg 286;

HEREDIA, J. 2008. Anfíbios de centro de Argentina = Amphibians of central Argentina – 1ª Ed. – Buenos Aires: L.O.L.A. – Literature of Latin America, 99p.;

HERPETOLOGIA UFRGS. 2010. Laboratório de Herpetologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. On line. Versão 1.0, Novembro 2010. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/herpetologia>>. Acesso em 10 de agosto de 2014;

KWET, A.; MANEYRO, R.; ZILLIKENS, A. & MEBS, D. 2005. Advertisement calls of *Melanophryniscus dorsalis* (Mertens, 1933) and *M. montevidensis* (Philippi,

1902), two parapatric species from southern Brazil and Uruguay, with comments on morphological variation in the *Melanophryniscus stelzneri* group (Anura: Bufonidae). *Salamandra*, 41, 1/2, p. 3 – 20;

KWET, A.; LIGNAU, R. & Di-BERNARDO, M. †. 2010. Pró-Mata: Anfíbios da Serra Gaúcha, sul do Brasil – Amphibien der Serra Gaúcha, Südbrasilien – Amphibians of the Serra Gaúcha, South of Brazil – Brasilien-Zentrum, University of Tübingen, Germany. 148p.;

LEMA, T., 2002. Os répteis do Rio Grande do Sul, Atuais e Fósseis, Biogeografia e Ofidismo. Porto Alegre: EDIPUCRS. 264 p.;

MANEYRO, R. & CARREIRA, S. 2012. Guía de anfíbios del Uruguay. EDICIONES DE LA FUGA. COLECCIÓN CIENCIA AMIGA. Uruguai, 207p.;

PBA (Programa Básico Ambiental).2006. Obras de Adequação da Capacidade e Melhorias Operacionais das Rodovias BR-116/392 – Pelotas – Rio Grande/RS Licença Prévia 224/2005 Condições Específicas. TOMO I e II. 600p.

PORCIUNCULA, R. A., QUINTELA, F. M., Loebmann, D. 2006. Pisces, Cyprinodontiformes, Rivulidae, *Austrolebias minuano* Costa & Cheffe, 2001 and *Austrolebias wolterstorffi* (Ahl, 1924): new species records at Rio Grande city, Rio Grande do Sul state, Brazil. Check List (UNESP), v. 2, n. 2, p. 44-46, 2006;

QUINTELA, F.M., MEDVEDOWISKY, I.G., NEVES, L.F., LOEBMANN, D. & FIGUEIREDO, M.R.C. 2007. *Melanophryniscus dorsalis*, Distribution extension in the Rio Grande do Sul, Brasil. Checklist 3(2): 105-108;

QUINTELA, F. M.; NEVES, L. F. de M.; MEDVEDOWISKY, I. G.; SANTOS, M. B. dos; OLIVEIRA, M. C. L. M. & FIGUEIREDO, M. R. C. 2009. Relação dos anfíbios da Ilha dos Marinheiros, estuário da Lagoa dos Patos, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Brasileira de Biociências*, 7(2): 231-233;

QUINTELA, F. M.; LOEBMANN, D. 2009. Os répteis da região costeira do extremo sul do Brasil. Pelotas: USEB-União Sul-Americana de Estudos da Biodiversidade. 82 p.;

ROSA, R.S. and F.C.T. LIMA. 2008. Os peixes brasileiros ameaçados de extinção; p. 9-19 In A.B.M. Machado, G.M. Drummond and A.P. Paglia (ed.). Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção. Brasília: Ministério do Meio Ambiente.

SEGALLA, M. V.; CARAMASCHI, U.; CRUZ, C. A. G.; GRANT, T.; HADDAD, C. F. B.; LANGONE, J. A & GARCIA, P. C. A. 2014.

Brazilian Amphibians: List of Species. Herpetologia Brasileira – v.3 – n.2 – p. 37 – 48;

SICK, Helmut. Ornitologia Brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 912p. ;

SILVA, F. 2014. Mamíferos Silvestres – Rio Grande do Sul. 3ª ed. Revisada e Ampliada: Via Sapiens. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. 308p.

SILVEIRA, D. B. 2003. Ocorrência, Distribuição e Conservação de Peixes Anuais (Cyprinodontiformes: Rivulidae) No Município De Rio Grande, RS. Monografia, Pelotas. UCPel. 41p.

UETZ, P. & JIRÍ, Hošek (eds.), The Reptile Database, <http://www.reptile-database.org>, accessed 18 de agosto de 2014. ;

WEBER, M. de M.; ROMAM, C. & CÁCERES, C. 2013. Mamíferos do Rio Grande do Sul. Santa Maria. Ed da UFSM. 556p. ;

Nossos bichos

Guia dos animais da região
de Pelotas e Rio Grande-RS



